



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA
PÓLO MÃE DO RIO

FATIMA LUCINARA GOMES ALVES

ASSÉDIO SEXUAL ENTRE ALUNOS NO AMBIENTE ESCOLAR: As influências da desigualdade de gênero e do machismo, e o papel da escola no enfrentamento aos padrões culturais de dominação da mulher

MÃE DO RIO-PA
2018

FATIMA LUCINARA GOMES ALVES

ASSÉDIO SEXUAL ENTRE ALUNOS NO AMBIENTE ESCOLAR: As influências da desigualdade de gênero e do machismo, e o papel da escola no enfrentamento aos padrões culturais de dominação da mulher

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Castanhal, pólo Mãe do Rio como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientador: Prof.^a. Dr.^a Eula Regina Lima Nascimento

MÃE DO RIO- PA
2018

FATIMA LUCINARA GOMES ALVES

ASSÉDIO SEXUAL ENTRE ALUNOS NO AMBIENTE ESCOLAR: As influências da desigualdade de gênero e do machismo, e o papel da escola no enfrentamento aos padrões culturais de dominação da mulher.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Pedagogia, da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Castanhal, pólo Mãe do Rio como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado Pleno em Pedagogia.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Eula Regina Lima Nascimento

BANCA EXAMINADORA

Orientador: _____
Prof.^a Dr.^a Eula Regina Lima Nascimento- UFPA

Examinador: _____
Prof.^a Dr.^a Degiane de Sousa Farias- UFPA

Examinador: _____
Prof. Dr. João Batista Santiago Ramos- UFPA

Examinador: _____
Prof. Dr. Francisco Valdinei dos Santos Anjos- UFPA

Conceito: _____

Data: ____/____/____

DEDICATÓRIA

“A Deus, aos meus pais, meus irmãos e a todas as mulheres guerreiras, amantes da resistência, que inspiraram este estudo”

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos...

A Deus acima de tudo, que por conta do seu infinito amor ouviu as minhas orações e permitiu que eu chegasse até aqui, sempre abrindo caminhos para que o meu sonho de entrar na universidade e ter um curso superior acontecesse, a ele pertence toda a honra e toda a glória.

A minha família pelo apoio, pelo incentivo e pelo carinho, em especial a minha mãe Maria José Gomes Carneiro e ao meu pai Lucineis Alves Carneiro, que mesmo em meio as muitas adversidades da vida, me deram educação e sempre lutaram para que eu estudasse. Sou grata por terem sonhado e esperado junto comigo a chegada desse momento tão importante em minha vida.

Ao meu grupo, o “quinteto fantástico”, agradeço a Tayane, Cris, Andréia e Aline, por terem partilhado comigo, dos desafios e das alegrias existentes durante o curso.

A minha professora e orientadora Eula Regina, pelo incentivo e pela dedicação que permitiram que esta pesquisa fosse realizada.

A todos os meus professores da UFPA, que com empenho e nobreza, contribuíram para minha formação, bem como, para o despertar de novas reflexões e ideais que irão servir como norte para o meu futuro enquanto educadora

A Universidade Federal do Pará, pelo apoio e por todos os subsídios oferecidos ao longo da formação, que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

A minha turma, que ao longo do percurso se tornaram mais do que colegas, irmãos.

EPÍGRAFE

*“Por um mundo onde sejamos socialmente iguais,
humanamente diferentes e totalmente livres”
(Rosa Luxemburgo)*

ALVES, Fatima Lucinara Gomes. **Assédio sexual entre alunos no ambiente escolar: As influências da desigualdade de gênero e do machismo, e o papel da escola no enfrentamento aos padrões culturais de dominação da mulher.** Trabalho de conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal, Mãe do Rio, 2018.

RESUMO

O assédio sexual é uma das principais violências sofridas pelas mulheres nos dias atuais, no entanto, o mesmo existe desde a antiguidade, pois sua origem é histórica e cultural. Com a sua base de sustentação firmada no machismo, na sociedade patriarcal e na desigualdade de gênero, o assédio acompanha a mulher desde o seu nascimento assim como sua objetificação e submissão. Quando levada para dentro da escola, a situação não é diferente, constantemente as meninas são assediadas pelos próprios alunos, e na maioria das vezes por medo, culpa e vergonha, se calam. O problema fica ainda maior quando há omissão por parte da escola, o que acaba reforçando, a prevalência do problema no interior da mesma. A pesquisa qualitativa, através de questionário semi-estruturado, foi realizada em uma turma de 9º ano da escola Pe. Lourenço Scotti, e teve como objetivo, investigar os episódios do assédio sexual entre alunos, identificando a existência do machismo e da desigualdade de gênero, enquanto influenciadores para a ocorrência da referida violência dentro da escola. Os resultados obtidos através do estudo, mostraram que o assédio sexual dentro do ambiente escolar é ainda mais comum, e que mesmo invisíveis, o machismo e a desigualdade de gêneros, também estão presentes no interior da mesma. Também ficou evidente o desconforto das meninas em relação ao desrespeito que sofrem, e a falta de confiança em procurar a ajuda da escola, que por sua vez, não se sente capacitada e não tem projetos para aprofundar as discussões e intervir nessa realidade.

Palavras-chave: Assédio sexual. Machismo. Desigualdade de Gênero.

ABSTRACT

Sexual harassment is one of the main forms of violence suffered by women today, but it has existed since antiquity because its origin is historical and cultural. With its base of support based on machismo, patriarchal society and gender inequality, harassment follows the woman from her birth as well as her objectification and submission. When taken inside the school, the situation is no different, constantly the girls are harassed by the students themselves, and most of the time through fear, guilt and shame, they keep quiet. The problem is even greater when there is omission by the school, which reinforces the prevalence of the problem within the school. The qualitative research, through a semi-structured questionnaire, was carried out in a 9th grade class of the school, Fr. Lourenço Scotti, and had as objective to investigate the episodes of sexual harassment among students, identifying the existence of machismo and gender inequality, as influencers for the occurrence of such violence within the school. The results obtained through the study, showed that sexual harassment within the school environment is even more common, and that even invisible, machismo and gender inequality, are also present within the same. The discomfort of the girls in relation to their disrespect, and the lack of confidence in seeking the help of the school, which in turn, does not feel capable and does not have projects to deepen the discussions and intervene in that reality.

Keywords: Sexual harassment. Chauvinism. Gender Inequality.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CF: Constituição Federal

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MEC: Ministério da Educação

OMS: Organização Mundial da Saúde

ONU: Organização das Nações Unidas

PCN'S: Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP: Projeto Político Pedagógico

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Sexo.....	35
Gráfico 2: Concepção sobre o assédio sexual	35
Gráfico 3: Vítimas de assédio sexual dentro da escola	37
Gráfico 4: Principais situações de assédio sexual	37
Gráfico 5: Sentimentos mais comuns	38
Gráfico 6: Procura de ajuda.....	39
Gráfico 7: A quem a vítima recorreu após sofrer assédio sexual	40
Gráfico 8: Dentro da escola, você já fez com alguém ou presenciou alguma situação descrita na questão número 2?	41
Gráfico 9: Atividades atribuídas aos gêneros	42
Gráfico 10: Meninos e meninas são tratados da mesma forma dentro da escola?	43
Gráfico 11: Questão teste para detectar machismo e preconceito de gênero	45
Gráfico 12: A escola já falou alguma vez sobre violência contra a mulher, machismo e desigualdade de gênero?.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
OBJETIVOS:	14
1 REFERENCIAL TEÓRICO	15
1.1 ASSÉDIO SEXUAL E CULTURA.....	15
1.2 A INFLUÊNCIA DO MACHISMO, DA DESIGUALDADE DE GÊNERO E A PREDOMINÂNCIA DO MODELO DE SOCIEDADE PATRIARCAL.....	18
1.3 A MULHER NO AMBIENTE ESCOLAR, AS DIFERENTES FACES DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR E SEU PAPEL NO ENFRENTAMENTO A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA A MULHER	23
1.3.1 A escola como um espaço androcêntrico	25
1.3.2 A escola como um espaço de intervenção e construção de novas identidades e relações baseadas no respeito.	27
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:	32
2.1 LOCAL DA PESQUISA: ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PE. LOURENÇO SCOTTI.....	33
3 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS E OS RESULTADOS OBTIDOS	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES	55

INTRODUÇÃO

Enquanto mulher e futura docente, escolhemos abordar o tema “Assédio sexual entre alunos no ambiente escolar: As influências da desigualdade de gênero e do machismo, e o papel da escola no enfrentamento aos padrões culturais de dominação da mulher.

Na condição de pesquisadora, chamou a atenção esta questão que abordamos, haja visto, que muitos são os casos de assédio sexual entre alunos dentro da escola, (eu mesma fui vítima) na maioria das vezes, por parte dos meninos, contra as meninas. Essa pesquisa se constituirá como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Pedagogia. No campo escolar, a pesquisa traz contributos teóricos para outros trabalhos acadêmicos, favorável a despertar um novo olhar dos profissionais docentes e da comunidade escolar.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa foram levadas em consideração algumas questões pontuais: O desrespeito e a violência contra a mulher no ambiente escolar; a falta de discussões e conscientizações sobre o assédio sexual; o machismo; e as desigualdades dentro do mesmo, problemas esses que podem ser causados pela omissão que envolvem a família, a sociedade e a escola.

Desde os primórdios da humanidade a sociedade é masculinizada, sabe-se que em todos os espaços, o machismo e a desigualdade estão presentes, e no que se refere a mulher, a visibilidade às questões da mesma, assim como, de suas vivências, é bastante complexa.

É perceptível que ao longo dos tempos especialmente daquela parte da história ocidental que melhor conhecemos a criação inicial de formas estatais e jurídicas muito pouco ou quase nada melhorou a condição feminina, a mulher sempre foi relegada a um segundo plano posicionada em grau submisso, discriminada e oprimida quando não escravizada e objetificada. (PORTO, 2014, p. 20)

A dificuldade em obter melhoras para a condição de ser mulher na escola, no trabalho e na sociedade em geral, advém da falta de debates, de políticas públicas/sociais e de ações educacionais interventivas, uma vez que, os homens em sua maioria, assim como, o estado, a escola e as demais instituições sociais, não dão a devida importância as questões femininas, não têm sensibilidade para perceberem as necessidade de igualdade das mesmas, e assim, acabam por acharem que é normal as diferenças e desigualdade de direitos entre os gêneros.

Essa ausência de debates envolvendo, estado, família, sociedade, escola e os próprios alunos, principalmente no que se refere a conscientização dos mesmos, por sua vez, é reflexo das complexidades no que diz respeito a alguns procedimentos e barreiras que inviabilizam a tais assuntos, como a falta de um olhar mais profundo por parte da escola sobre as relações

aluno/aluno (meninos e meninas), o tabu em falar sobre gênero, sexualidade e respeito à mulher dentro do ambiente educacional.

Analisando historicamente, as relações entre mulheres e homens, nota-se que a desigualdade de gênero e o machismo são os grandes fatores que geram a violência contra a mulher, inclusive o assédio sexual, que muitas vezes acontece como uma prática irracional. Uma pesquisa realizada pelo YouGov Plc, com 2.518 mulheres de quatro países com culturas consideradas machistas (503 no Brasil, 1.013 na Inglaterra, 500 na Tailândia e 502 na Índia), mostrou os índices de assédio sexual contra mulheres. A pesquisa mostra que no Brasil está o maior índice de assédio sexual em espaços públicos, 86% das mulheres afirmam que já sofreram o crime.

A necessidade de mudança do quadro de assédio sexual e de outras violências contra a mulher, é gritante, precisa-se urgentemente de providências para que as mulheres sejam respeitadas. Para tanto, é muito importante que a escola enquanto espaço privilegiado de formação do ser humano, intervenha, que adote uma política igualitária e que o educador procure compreender o universo paralelo dos alunos, como pensam e agem dentro e fora do âmbito escolar.

Também importa à escola, ter um olhar perceptivo voltado para toda e qualquer situação de violência sexual, desigualdades, discriminação e etc. dentro e fora da sala de aula, pois a mesma é um espaço mediador do desenvolvimento do ser humano não só para o campo educacional, mas também para o campo ético, político, social e das relações humanas.

Quanto mais politizados e críticos forem os educandos, mais autonomia e humanidade eles terão para mudar a realidade em que vivem, buscando respeitarem e serem respeitados, valorizarem e serem valorizados em suas diferenças, e deste modo, construirão relações livres de subordinação feminina, preconceitos e discriminações, pois o “humanismo que, pretendendo verdadeiramente a humanização dos homens, rejeita toda forma de manipulação, na medida em que esta contradiz sua libertação” (FREIRE, 1997, p.74).

A estrutura desta pesquisa é dividida em quatro capítulos: O primeiro (1º): Consistirá no referencial teórico, que norteia bibliograficamente o trabalho, e serve de âncora para o andamento e conclusão da discussão e da investigação, com base nas revisões bibliográficas de autores como: Paulo Freire, Simone de Beauvoir, José Carlos Libâneo, Pierre Bourdieu, entre outros. O segundo (2º): Corresponde aos procedimentos metodológicos, que apresentará a dinâmica do trabalho. O terceiro (3º): Expõe a análise dos dados coletados e a apresentação dos

resultados obtidos durante a pesquisa. O quarto (4º): Mostra as conclusões e considerações gerais a respeito do que foi feito e obtido ao longo do trabalho, para assim, contribuir de forma eficaz para futuras pesquisas a respeito do problema.

O capítulo que corresponde ao referencial teórico é constituído por três tópicos: O primeiro (1º) trata das definições e configurações culturais do assédio sexual; o segundo (2º) aborda a questão da desigualdade de gênero e do machismo enquanto influenciadores históricos e culturais da violência e assédio sexual contra a mulher; o terceiro (3º) consiste em uma discussão sobre as dificuldades que a mulher enfrenta no ambiente escolar e das diferentes faces e papéis da instituição escolar, ou seja a escola enquanto espaço reprodutor de desigualdades e atos machistas, e a escola em seu caráter transformador no que tange a violência, a discriminação e da dominação do homem sobre a mulher.

Para o sucesso da pesquisa, objetiva-se responder a seguinte questão problema: O machismo e a desigualdade de gênero, estão presentes e contribuem para os casos de assédio sexual entre alunos no ambiente escolar? De que forma a escola intervém e se posiciona diante do assunto?

OBJETIVOS:

Objetivo geral:

- Investigar ocorrência do assédio sexual entre alunos, identificando a existência do machismo e da desigualdade de gênero, enquanto influenciadores para a ocorrência da referida violência dentro da escola.

Objetivos específicos:

- Observar os casos de assédio sexual entre alunos dentro da escola.
- Identificar o machismo e o preconceito de gênero a partir das opiniões dos alunos.
- Discutir a respeito do assédio sexual, do machismo e da desigualdade de gênero, enquanto influenciadores do assédio sexual.
- Discutir sobre o papel da escola como espaço de enfrentamento ao machismo, a desigualdade de gênero e ao assédio sexual.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 ASSÉDIO SEXUAL E CULTURA

Segundo o código penal, em seu artigo 216A, o assédio sexual consiste em: “Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função”. Pode-se dizer então, que é uma atitude praticada contra outra pessoa, na maioria das vezes, contra a mulher, que viole a honra, o corpo, ou o psicológico por meio da superioridade.

Embora a existência do assédio sexual em outros ambientes não seja levada em consideração, e sim, mais comumente dentro dos ambientes de trabalho onde há relações de poder (patrão e empregado), não se pode negar que o machismo e a dominação do homem sobre a mulher são também, formas de hierarquias e que em todo e qualquer espaço público ou privado em que a mulher tenha seu corpo transgredido e a sua dignidade afetada pelo homem, o assédio está sim presente, e o mesmo precisa ser discutido e combatido.

O assédio sexual possui duas configurações conceituais: Quando a vítima é coagida para que preste algum favor sexual por estar hierarquicamente inferior ao violentador, e quando a vítima é constrangida ou tem seu corpo violado por ser do sexo feminino, ou seja, quando ocorre por conta do preconceito de gênero.

Grandes são os índices de assédio sexual no Brasil, e o que parece apenas galanteios, “cantadas” e demonstração de interesse para os assediadores, para a mulher torna-se desconforto, insulto, ameaça e desrespeito, ou pior, um trauma quando tocadas em suas partes íntimas, o assédio sexual não é uma brincadeira ou uma simples investida, mas sim, como afirma Filho, (2002) “[...] conduta de natureza sexual não desejada que, embora repelida pelo destinatário, é continuamente reiterada, cerceando-lhe a liberdade sexual”.

No que tange a sua configuração penal, embora a sua existência e ocorrência seja primitiva, no Brasil o assédio sexual só foi considerado crime recentemente, pela lei número 10.224, de 15 de maio de 2001, no artigo 216-A, com o intuito de certificar a defesa das mulheres e garantir que as mesmas tivessem suas dignidades, direitos, segurança física e psicológica respeitados no ambiente de trabalho, o que já não se restringe mais apenas a esse ambiente, pois (apesar de não possuir um enquadramento penal quando ocorre fora da esfera

de trabalho) pode ocorrer em qualquer situação onde o homem (culturalmente superior a mulher) se sinta no direito de praticar ações e proferir palavras de cunho sexual.

Sabe-se que a cultura é o agente norteador da sociedade, e é por meio dela que os costumes, as identidades, os ideais, os atos, as religiões, e a educação acontecem, tanto que, atos tidos como acontecimentos culturais costumam ser respeitados, conhecidos, comemorados e defendidos em meio a esfera mundial, na opinião de Rodrigues (2007, p. 15) “Cultura se transformou em sinônimo de identidade, um indicador e um diferenciador de identidade. Naturalmente a cultura sempre foi um sinal de distinção social”.

Desde a Grécia antiga a violência sexual contra a mulher era caracterizada como um direito do homem, a mitologia conta duas histórias: A primeira é a de Zeus o supremo, que ao não resistir aos encantos de Europa, raptou e estuprou a mesma na ilha de creta, gerando o seu filho Minos. A segunda é a de Laio, que estuprou Chrysippus (outro homem), e foi severamente punido com a morte, ficando conhecido assim, como “o crime de Laio”.

Os contos acima, evidenciam a desigualdade entre homens e mulheres, são dois casos de estupros, entretanto, quando o ato acontece contra uma mulher é romantizado, já contra o homem é punido. O homem sempre é visto como o ser que fraqueja em meio as provocações femininas, isto reflete o que ainda hoje acontece no mundo, pois, enquanto a violência contra a mulher é tida como um direito dado ao homem em consequência das atitudes da mesma, contra o homem é algo inaceitável e merecedor de punição rápida e severa, assim, fica claro que a violência provém da cultura, bem como, os atos advindos dela.

Quando os tais “atos culturais” são de violência, neste caso específico, contra a mulher, destacando a sexual, como o assédio, é necessário que a mesma seja criticada e transformada, uma vez que, como diz Saffiot (2004) “ A igualdade só pode ser obtida por meio da conquista da autonomia por parte das mulheres”. O Brasil é um país extremamente cultural, e entre as culturas mais marcantes, estão a cultura machista e a cultura do estupro, uma intrínseca à outra. A dominação masculina ainda está impregnada no ideário brasileiro, do que é ser homem e do que é ser mulher.

Entre as mulheres brasileiras 44% já foram tocadas em suas partes íntimas, 8 % foram estupradas e 57% já ouviram palavras obscenas de cunho sexual na rua. Entre as cinco (05) regiões do país, as maiores incidências de casos estão na região centro-oeste com 92% e na região norte com 88%, e dentre os espaços públicos onde os mesmos acontecem também se encontra a escola.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), a cada três (03) minutos, uma (01) mulher sofre violência doméstica, a cada onze (11) minutos uma (01) mulher é estuprada e a cada duas (02) horas uma (01) mulher é assassinada no Brasil, ficando assim, na 7ª posição no ranking de países com maiores índices de feminicídios¹, e sendo o 85º no ranking da desigualdade de gênero, e com maiores impregnações e influências machistas.

A mulher é vítima do assédio sexual constantemente, entretanto, fica um questionamento: Por que os índices alarmantes de casos e o número de denúncias não condizem? A objetificação² das mulheres, os estigmas que as mesmas carregam desde o nascimento e o medo são as causas que levam muitas mulheres a não denunciarem as violências que sofrem; muitas vezes ao chegarem na delegacia para procurarem ajuda e justiça, escutam perguntas como: Que roupas estavam usando? Em que lugar estavam? Que horas estavam andando na rua? Tais atitudes geram de certa forma vergonha e receio nas mesmas, que acabam sentindo-se culpadas e não levam as denúncias adiante.

A prática da violência sexual não consiste apenas em um crime contra o corpo, mas viola inúmeros direitos das mulheres e prejudicam a cidadania das mesmas, bem como, o bom convívio entre os indivíduos na sociedade, dentre esses direitos transgredidos, estão os princípios fundamentais previstos na Constituição Federal (1988), pois:

[...] fere a igualdade e intimidade, que dizem respeito à dignidade da pessoa humana prevista no artigo 1º, III, bem como os valores sociais do trabalho (art. 1º, IV). De igual sorte, viola o art.3º, I, que estabelece como objetivo fundamental da República Federativa do Brasil a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, já que não há liberdade na sociedade em que um tenta impor ao outro determinada prática sexual. Pode ainda ser dito que configura prática discriminatória (artigo 3º, IV). [...] a prática do assédio pode ensejar a violação da igualdade entre homens e mulheres (art.5º, I), bem como à vida privada, à honra e à imagem (art.5º, X). (BENDER, et al. s/d, p. 05)

Diante disso, vê-se também que todo esse problema não é apenas jurídico, mas histórico, ou seja, é um reflexo das relações de poder que existem na sociedade e nas relações em geral, isto é, na família, nos livros, na mídia e em todos os lugares, já que a disputa por superioridade entre gêneros está presente em todas as esferas, tanto social quanto cultural, levando em consideração que a violência contra a mulher, inclusive a sexual é uma consequência do contexto advindo da supremacia masculina.

¹ É o assassinato de pessoas do sexo feminino, única e exclusivamente por questão de gênero, classificado como um crime hediondo no Brasil.

² Ato de tratar uma mulher como mero instrumento de prazer sexual, fazendo dela um "objeto sexual"

1.2 A INFLUÊNCIA DO MACHISMO, DA DESIGUALDADE DE GÊNERO E A PREDOMINÂNCIA DO MODELO DE SOCIEDADE PATRIARCAL

O assédio sexual contra a mulher tornou-se parte do cotidiano social dela, e por esse motivo pode ser considerado um fato social, que tem uma origem histórica e cultural em detrimento do modelo de sociedade patriarcal composta pelo machismo, pela desigualdade de gênero, pelo sexismo³, bem como, pelos estereótipos de superioridade do homem sobre a mulher. Segundo Castañeda:

O machismo pode ser definido como um conjunto de crenças, atitudes e condutas que repousam sobre duas ideias básicas: por um lado, a polarização dos sexos, isto é, uma contraposição do masculino e do feminino segundo a qual são não apenas diferentes, mas mutuamente excludentes; por outro, a superioridade do masculino nas áreas que os homens consideram importantes. Assim, o machismo engloba uma série de definições sobre o que significa ser homem e ser mulher, bem como toda uma forma de vida baseada nele. (2006, p. 16)

Ao longo do tempo os modelos de relações entre homens e mulheres vêm mudando gradativamente, mas, apesar dessas mudanças e dos diversos surgimentos de modernizações, a supremacia masculina continua oprimindo as mulheres. Desde dos primórdios da humanidade perpassando pela Roma antiga, onde os homens tinham plenos poderes sobre as mulheres, inclusive sobre as vidas das mesmas, pelo Brasil no período colonial, onde a mulher ainda era vista como “um pedaço do corpo masculino”, o modelo de sociedade e família com estilo de dominação patriarcal ainda predominam, inclusive com o apoio religioso.

A igreja católica desde o Brasil-colônia foi forte aliada à ideia de submissão feminina, segundo Goldberg (1984), a igreja fortaleceu o modelo de família patriarcal e começou a aceitar que os homens tivessem relações fora de seus casamentos (adultério) apenas com prostitutas e mulheres sem condições econômicas, então, enquanto as esposas brancas eram “máquinas de procriação”, as amantes eram “objetos de prazer”, inclusive, o processo de miscigenação se deu por meio da violência sexual cometida pelos portugueses contra as mulheres que habitavam no Brasil.

Com efeito, A dominação da mulher pelo homem, pela igreja, pelo estado, bem como sua demonização, é fator respaldado pela cultura histórica e religiosa, além do mais, segundo os princípios religiosos, a mulher faz parte literalmente do corpo masculino (costela), é listada na bíblia como uma propriedade material pertencente ao homem, e por isso a mesma deve obediência e submissão a ele, e ainda recai sobre ela a culpa pelo pecado e desobediência

³ Ato de discriminação sexual, é quando se reduz alguém ou um grupo apenas pelo gênero ou orientação sexual.

cometidos desde o paraíso (jardim do Éden). Simone de Beauvoir (1949), em sua teoria a respeito da existência e da construção social da mulher, diz:

A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si mas relativamente a êle; ela não é considerada um ser autônomo. [...] Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o "sexo" para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para êle, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro.

Ademais, a religião e seus dogmas contribuem gradativamente para o rebaixamento da mulher ao homem, pinta a imagem de uma mulher sem vida própria, possuidora de uma dívida eterna com o homem, onde o pagamento acontece por meio da subordinação, desigualdade e inferioridade tanto espiritual, quanto física, social e sexual.

A desigualdade de gênero e a discriminação feminina, fez e faz com que a mulher seja vista como o instrumento de prazer, de procriação, fraca, incapaz, com capacidade intelectual e estrutura corporal diferente e inferior ao sexo masculino, ” [...] no século XVIII, o eminente médico Pierre Roussel assegurava que as mulheres tinham “ossos menores e menos duros”, e que sua bacia, mais larga, forçava uma obliquidade nos fêmures que lhes atrapalhava o andar”. (DREZETT apud RAGO, 1997).

Foi no final do primeiro milênio do cristianismo que começaram as lutas femininas por seus direitos, intensificando-se na época da revolução industrial na Europa, onde as desigualdades provocadas pelo sexismo, começaram a ser criticadas, e os direitos começaram a ser conquistados, começando assim também várias discussões a respeito da necessidade por igualdade e derrubada da desigualdade entre gêneros. A respeito de gênero Bonetti diz:

Gênero é a construção cultural sobre a diferença sexual. Se sexo diz respeito ao macho e à fêmea da espécie humana, porque eles têm corpos diferentes (pênis e vagina), gênero diz respeito aos valores dados às diferenças sexuais, que variam de sociedade para sociedade e dentro da mesma sociedade, nos mostrando que há inúmeras possibilidades de masculinos e femininos. (BONETTI, 2011, p. 92)

Para que a questão seja entendida, é necessário entender que sexo e gênero são termos intrínsecos, todavia, suas configurações são distintas. O sexo é o biológico e o físico, as características denominadoras do masculino e do feminino, tanto primárias (órgão reprodutores) quanto secundárias (musculatura, voz, pelos e etc.). Já o gênero se refere aos aspectos socioculturais, assim como os papéis de cada sexo na sociedade, aspectos estes que variam de sociedade para sociedade.

A partir dos anos 70 a sociedade passou a ter um olhar mais profundo, e produzir maiores debates sobre as desigualdades femininas, o sexismo e os direitos das mulheres, que ainda nessa época não possuíam cidadania digna nem opiniões nas decisões sociais. No Brasil

o direito ao voto somente foi conquistado em 1932 e apenas em 1985 foram criadas as primeiras delegacias em defesa das mulheres. As discussões a respeito de gêneros e direitos, permitiram a liberdade das mulheres para atuarem em todas as esferas mundiais, o que foi chamado de “politização do trabalho doméstico”. Assim, o referido movimento, segundo Manfrão (2009):

[...] permitiu o deslocamento da questão feminino do espaço tradicionalmente estabelecido como privado para o espaço público, fazendo com que determinados problemas antes vistos como particulares passassem a receber especial atenção das instituições [...]. Um exemplo é a violência conjugal, que emergiu do âmbito familiar para tornar-se objeto da agenda governamental, no tocante à elaboração de políticas públicas que oferecessem respostas à demanda feminina por mecanismos que coibissem tal forma de violência. Tal deslocamento permitiu que as mulheres passassem a se enxergar como sujeito de direitos, atuando no polo ativo das relações judiciais e demandando do Estado a resolução de conflitos.

De acordo com as afirmações de Manfrão, observa-se que, com o passar das décadas e com as lutas dos movimentos a favor da liberdade e respeito às mulheres, como os movimentos feministas, o “movimento beat” nos anos 50, o “movimento hippie” nos anos 60, dentre outros, passou-se a discutir-se mais a respeito de políticas sociais e leis de amparo ao sexo feminino.

Mais tarde, a ênfase nas discussões sobre a cultura do estupro e sobre o mito de que as atitudes e desejos sexuais que levam o homem a praticar um crime sexual, é biológico e que faz parte da genética, da natureza masculina, cai por terra, e fica ainda mais evidente o pensamento machista predominante, ou seja, praticar um crime ou um atentado contra a mulher, não é mais um direito nem consiste em ação natural e biológica do sexo masculino, mas sim, em violência e falta de caráter fundamentados na ideologia patriarcal.

O patriarcalismo predominante no Brasil e em várias sociedades mundiais, não é somente um modelo de organização familiar, mas sim uma cultura e um sistema de ideias impregnadas, com consequências e hierarquias que avigoram grandemente a existência das diferenças, já que, ainda nos dias atuais a todo momento o homem precisa afirmar sua masculinidade e sua superioridade, de acordo com o que aprendeu desde o nascimento, através da rigidez e da violência. Embora tenham havido avanços, o que se pode ver é que o homem ainda tem receio quanto a liberdade conquistada pela mulher.

Segundo Bourdieu, três princípios contribuem para a dominação masculina sobre a mulher:

Primeiro, [...] as funções que convém às mulheres se situam no prolongamento das funções domésticas: ensino, cuidados, serviço; segundo, que uma mulher não pode ter autoridade sobre homens e tem, portanto, todas as responsabilidades de, sendo todas as coisas em tudo iguais, ver-se pretendida por um homem para uma posição de autoridade ou de ser relegada a funções subordinadas, de auxiliar; o terceiro confere

ao homem o monopólio da manutenção dos objetos técnicos e das máquinas (BOURDIEU, 2002, p. 107-108).

Em concordância com as afirmações de Bourdieu, entende-se que em uma sociedade desigual e comandada por homens, o provável é que existiam relações também desiguais e machistas, o que contribui diretamente para disputas, para o uso da força e para a prevalência das atitudes machistas que oprimem as mulheres. Essas atitudes machistas, assim como a divisão de papéis entre os sexos, classes e grupos, é chamada pelo autor de “habitus”.

É a sua posição presente e passada na estrutura social que os indivíduos, entendidos como pessoas físicas, transportam com eles, em todo tempo e lugar, sob forma de *habitus*. Os indivíduos “vestem” os *habitus* como hábitos, assim como o hábito faz o monge, isto é, faz a pessoa social, com todas as disposições que são, ao mesmo tempo, marcas da posição social e, portanto, da distância social entre as posições objetivas, entre as pessoas sociais conjuntamente aproximadas e a reafirmação dessa distância e das condutas exigidas para “guardar suas distâncias” ou para manipulá-las estrategicamente, simbólica ou realmente reduzi-las, aumentá-las ou simplesmente mantê-las (BOURDIEU, 1983, p. 75).

Os “habitus” então, são costumes construídos socialmente e ideologicamente com o intuito de separar os “diferentes”. Assim sendo, pode-se entender a particularização o “quantum social” Bourdieu (1983), de cada indivíduo na sociedade neoliberal e androcêntrica, ou seja, de papéis divididos, desiguais e de caráter masculinizado.

Com efeito, os costumes e os hábitos sociais designados a homens e mulheres, são construídos através das relações humanas, e essas relações constituem um tipo de educação generalizada que engloba todas as instituições responsáveis pela formação do indivíduo, além da cidadania, identidade e moralidade do mesmo. Estas instituições podem ser a família, a escola, as amizades, a mídia e todo e qualquer espaço educativo ou entidade onde o ser humano seja capaz de aprender o que lhe cabe fazer sendo homem ou mulher, cada um com preceitos e funções diferentes, tudo isso dentro da diferença sexista.

Todas essas tradições ensinam o indivíduo desde muito cedo (cada um a seu modo) a prática do separatismo de gênero, dentro da família por exemplo, desde o nascimento o menino aprendem a imitar as tarefas do pai, como manusear as ferramentas de trabalho, a seguir a profissões, a liderar, a andar sozinho, a se defender e etc. enquanto a menina é incentivada a seguir a mãe, aprender a limpar, passar, cozinhar, se vestir, andar, falar e agir “corretamente”, a sonhar com o “príncipe encantado” e o casamento.

Em relação a desigualdade e rebaixamento da mulher, os mesmos podem ser vistos em várias situações e lugares cotidianamente. Na mídia, através das propagandas de brinquedos, pois quando se trata de brinquedos para meninas, sempre aparecem menininhas brincando de serem mães e trocando fraudas das bonecas, ou cozinhando com os kits de cozinha.

Entretanto, quando se trata de brinquedos para meninos, tem sempre a diversão, a aventura, a corrida, ou o futebol; o que reflete que enquanto a mulher aprende brincando a ter uma vida de obrigações, o homem aprende brincando a ter uma vida de aventura.

Na escola, desde os primeiros anos de colegial, na hora do lanche e do recreio as brincadeiras são separadas entre brincadeira de meninos (futebol, bola de gude, pipa) e brincadeiras de meninas (cantiga de roda, pula corda e elástico), inclusive, muitas vezes os próprios educadores fazem essas divisões.

No trabalho, onde uma pesquisa feita em 2015 pela ONU (Organização das Nações Unidas) mostra que as mulheres recebem salários 24% menores que os homens, mesmo que função seja a mesma. A pesquisa também revela que enquanto 74% dos homens estão trabalhando, apenas 52% das mulheres estão no mercado de trabalho, ou seja, enquanto os homens ocupam os cargos mais qualificados do mercado, as mulheres ocupam os menos remunerados. Isso reflete o preconceito e a discriminação entre gêneros, uma vez que, mesmo possuindo a mesma capacidade, qualificações e direitos, as mulheres ainda estão abaixo dos homens no mercado de trabalho, com menos contratações e salários.

Segundo a Constituição Federal de 1988, em seu art. 5º: “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se, aos brasileiros e estrangeiros residentes no país, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade [...]”, no inciso I deste artigo ainda está escrito: “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações nos termos dessa Constituição”. Também está estabelecido em seu art. 1º, inciso III, a dignidade da pessoa humana como um direito universal.

Mesmo que a dignidade humana e a igualdade de gêneros estejam amparadas pela lei, o quadro é completamente contraditório, levando em consideração que os casos de violência e discriminação contra a mulher por conta do sexismo e do gênero ainda continuam alarmantes na sociedade mundial; a realidade mostra-se completamente diferente da teoria da igualdade humana, as leis não estão tendo o devido vigor e a luta ainda será muito grande pela conquista não de uma igualdade, mas definitivamente pela equidade de direitos e respeito entre o masculino e o feminino.

Para tanto, é necessário mudar o cumprimento das leis existentes, para proteger as mulheres das violências masculinas, além de mudar os pensamentos machistas e discriminatórios presentes na sociedade. Essas mudanças podem começar pela educação dada as crianças pela família e pela escola, o indivíduo não nasce machista e preconceituoso, pelo

contrário, ele aprende a ser. Uma sociedade com um modelo de educação libertador, autônomo, inclusivo e democrático tem por obrigação formar indivíduos com tais qualidades, pois as atitudes humanas são reflexos do tipo de educação existente em determinada sociedade.

1.3 A MULHER NO AMBIENTE ESCOLAR, AS DIFERENTES FACES DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR E SEU PAPEL NO ENFRENTAMENTO A VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA A MULHER

Desde a emancipação da humanidade, a mulher é caracterizada como o segundo ser, sem direitos ou valores humanos, existente apenas como o ser possuidor de útero e seios para a procriar e para a satisfação masculina. Dentre os direitos que a mesma não tinha estavam: O voto, o acesso à escola e ao trabalho fora da esfera doméstica.

No período colonial, a mulher recebia educação domiciliar, voltada especificamente para o aprendizado dos trabalhos domésticos com a intenção de treina-la para ser “uma boa dona de casa” e assim conseguir um “bom marido”. A partir do século XIX, foram criados os primeiros colégios para mulheres no Brasil, mas, só tinham o direito de frequenta-los as filhas dos burgueses, enquanto as moças pobres continuavam privadas da educação e destinadas ao trabalho doméstico. Essa educação seletiva perdurou até o ano de 1880, quando foram criadas as primeiras escolas públicas, a partir daí as mulheres foram ganhando espaço nas escolas, mesmo em meio ao separatismo entre colégios femininos e colégios masculinos.

Atualmente no Brasil, com o surgimento do modelo autônomo e democrático da educação, as mulheres são maioria tanto em números de matrículas quanto de permanência na escola desde a educação básica até ao ensino superior. A desigualdade educacional e o separatismo de salas de aula acabaram, entretanto, a desigualdade e a inferioridade humana da mulher persistem dentro deste ambiente, ou seja, o problema não é mais de diferenças de conteúdo a serem aprendidos ou de números, mas sim de diferenças sociais e desrespeito, levando em conta a questão da desigualdade entre gêneros que sempre existiu no cotidiano feminino, independente do contexto em que mesma se encontre.

Em detrimento das muitas indagações a respeito do sofrimento e desvalorização da mulher em meio a sociedade masculinizada, Simone de Beauvoir (1949) em seu livro “O segundo sexo”, afirma: “Ninguém nasce mulher: Torna-se mulher”, nesse trecho, a autora faz uma crítica ao modo como a mulher é estigmatizada, ou seja, ao defender o existencialismo, afirma que não se nasce mulher apenas pelo fato de possuir os órgãos sexuais ditos femininos, mas torna-se mulher à medida que a sociedade vai moldando o indivíduo através de

experiências e costumes. Sendo assim, a mulher em seu cerne não tem uma sina estritamente biológica, e sim social; sua forma de viver e ser tratada não é predestinada por uma força superior ou pela essência, e sim construída.

Analisando as afirmações da autora, constata-se a veracidade de suas ideias, uma vez que a mulher, seus atos, e seu destino sempre foram e ainda são estabelecidos pelos homens, inclusive no espaço escolar. Presentemente, as mulheres possuem outras opções de escolhas se comparado a algumas décadas atrás onde suas únicas alternativas eram o casamento ou o convento; entretanto, as lutas contra o machismo ainda não acabaram, pois são visíveis o desrespeito e a discriminação às mulheres que se contrapõem aos dogmas e tradições ditadas pela dominação masculina, mesmo quando, contraditoriamente o fato ocorre dentro do ambiente (escola) que deveria derrubar essas barreiras que impedem o pleno avanço e emancipação da mulher (aluna).

Quando se trata do campo educacional, é possível ver o reflexo de todos esses fatores nas atitudes dos meninos e das meninas e até mesmo nos modos de educar da família e da escola. A violência dentro escola começou a ser discutida a partir dos anos 80, mas a mesma existe desde dos primórdios da existência da escola. A priori, as discussões eram voltadas apenas para os atos de vandalismo, foi o que Charlot chamou de violência na escola:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar. (CHARLOT, 2002, P. 434)

Ademais, vale ressaltar que hoje em dia a violência em geral dentro da escola tem tido um índice assustador, e quando se trata de procurar a raiz do problema, muitos fatores são apontados, como: O uso de drogas, violência no ambiente familiar, contexto em que os alunos violentos vivem, indução pelo tráfico e etc. no caso da violência contra mulher, mais especificamente o assédio sexual, o motivo é o machismo (ainda pouco abordado dentro da escola, se comparado com os outros fatores citados). Assim, várias são as causas, porém o influenciador é o mesmo, visto que, quase todos os atos violentos que acontecem dentro da escola têm origem fora dela, na sociedade.

Com o passar dos anos, a violência sexual dentro do espaço educativo entre professor e aluno também foi despertando preocupações por parte dos educadores e do poder público, todavia, não se vê a mesma preocupação quando o ato ocorre entre os próprios alunos adolescentes (mais comumente de menino para menina).

1.3.1 A escola como um espaço androcêntrico

A escola quando androcêntrica, reproduz o sexismo imposto fora dela, e com isto reforça a dicotomia de superioridade de um sexo sobre o outro, impedindo novas reflexões e fortalecendo o pensamento tradicional sobre o que é ser homem e o que é ser mulher, marginalizando o sexo feminino e hierarquizando as relações existentes dentro da mesma, isso é um reflexo do que acontece na sociedade, que por sua vez também educa o homem. Como está estabelecido nos PCNs, Parâmetros Curriculares Nacionais:

[...] é a sociedade, quer queira, quer não, que educa moralmente seus membros, embora a família, os meios de comunicação e o convívio com outras pessoas tenham influência marcante no comportamento da criança. E naturalmente a escola também tem. (PCNs 1997, p. 73).

Durante toda a história a mulher é vista como um objeto, uma “coisa” para satisfazer os desejos do homem, principalmente os sexuais, onde seu consentimento ou opiniões não possuem relevância, esse tipo de violência foi o que Pierre Bourdieu (1997) chamou de violência simbólica, ou seja, violência silenciosa, muitas vezes de aparência normal, isto é, as violências e os atos machistas dentro da escola, ocorrem de forma camuflada, já que incorporaram durante o tempo, um caráter natural, o que faz com que certas situações pareçam corretas, muitas vezes com contribuições dos próprios educadores e alunas, ao aceitarem (in)conscientemente certos atos e discursos de caráter machista.

No que se refere ao machismo no espaço escolar:

Estudos sugerem que meninas adolescentes são particularmente vulneráveis à violência sexual, ao assédio e à exploração, inclusive em ambiente escolar. Dados indicam que 10% das adolescentes em países de baixa e média renda já relataram incidentes envolvendo relações sexuais forçadas ou outros atos sexuais no ano anterior. Além disso, uma pesquisa nacional na África do Sul mostrou que quase 8% de todas as meninas que frequentam escolas secundárias já tiveram experiências com agressão sexual grave ou estupro enquanto estavam na escola (UNESCO, 2015b, p.2).

Apesar das conquistas, para a sociedade a mulher ainda é a culpada pelo assédio sexual, e as demais violências que sofre, essa culpabilização da vítima acontece na maioria das vezes em detrimento da vestimenta e da conduta que tem em sociedade, ou seja, que não se comporta adequadamente. Magalhães (2014) diz que “A violência sexual poderia ser considerada, de certa forma, uma espécie de correção para as mulheres que não se comportaram da forma esperada socialmente, seja com atitudes liberais seja com o uso de roupas sedutoras”.

Partindo da observação do autor supracitado, pode-se observar que no ambiente escolar, esse pensamento está bastante presente, como prova disto, os uniformes escolares são regras ferrenhas, para as meninas saias rodadas a baixo do joelho ou calça e blusa com mangas, para os meninos bermudas e camisetas. As exigências quanto aos uniformes escolares

diferenciados que fazem com que a mulher cubra seu corpo para ganhar respeito, mostram o sexismo e o preconceito de gênero reproduzidos pela escola, bem como o incentivo às divisões.

Diferenças, distinções, desigualdades... a escola entende disso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela estavam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas (LOURO, 2014, p.61)

Da mesma forma que acontece no âmbito social, no escolar também existe o paradigma que a mulher precisa se resguardar e fazer-se respeitar, do contrário, será assediada e não terá do que reclamar, já que segundo a concepção machista presente, ela procurou e provocou o menino assediador.

[...] Frequentemente, utiliza-se o argumento do “consentimento” as mulheres violadas, na realidade, consentiram no ataque ou pediram por ele, ao usarem roupas curtas, coladas, perfume e maquiagem chamativos. Ignora-se, com tal argumento, que mulheres de hábito de freira ou de burca também são violentadas. A ideia de que a “mulher na verdade queria” permite trivializar o estupro, relativizá-lo, em muitos casos, e até considera-lo excitante [...]. (VILHENA E ZAMORA, 2004, p. 03)

Em conformidade com que dizem com Vilhena e Zamora, conclui-se que, mesmo com toda a rigidez a respeito do uniforme escolar, as situações de assédio sexual continuam acontecendo frequentemente, o que mostra que o problema não está na roupa ou no comportamento das alunas, mas sim no pensamento machista dos alunos de se acharem no direito de assediar (mesmo que não tenham consciência do seu ato) as próprias.

A opressão que a mulher sofre por ser mulher, pode gerar malefícios enormes a sua autonomia, e pode prejudicar seriamente a mesma em suas relações. Segundo Junqueira (2009, p. 17), a escola onde a pedagogia do insulto está presente, é “*constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica*”, deste modo, é provável que as alunas que sofrem assédio e discriminação, passem a se esconder dentro do ambiente escolar, e essa atitude de caráter defensivo pode refletir considerável e diretamente no desenvolvimento tanto social quanto da aprendizagem, bem como em seu comportamento e autoestima.

Ao sofrerem preconceito, discriminação, rótulos ofensivos e etc. dentro da escola, as meninas muitas vezes, passam a reagir de forma negativa, reações essas podendo ser de timidez e limitações de relacionamento social, ou mesmo reações violentas como: agressões físicas e/ou verbais, indisciplina e isolamento total ou parcial, é a “Chamada “tendência single”, porquanto, [...]. O indivíduo não se mostra totalmente recluso da sociedade. Entretanto, [...] o receio de

estabelecer laços [...] acabam transformando a solidão em uma opção mais confortável [...]” (SOUZA, s/d, p.02).

1.3.2 A escola como um espaço de intervenção e construção de novas identidades e relações baseadas no respeito.

A escola é responsável pela formação ética e moral do aluno, e para isso a moral (regras que permitem que os indivíduos tenham um bom convívio em sociedade) e a ética (que conduz as escolhas, as ações e a subjetividade do homem, que por sua vez escolhe seguir ou não as normas e costumes impostos pela sociedade), precisam ser partes integrantes do PPP (projeto político pedagógico), bem como, nortear os planos e ações seja na dimensão teórica ou prática da mesma.

É na escola que o homem é preparado para a vida em sociedade e para pôr seus ideais de vida em ação, por isso é importante que a ela busque engajar em seus planos e currículo, assuntos sociais e não somente didáticos; abordar os problemas existentes na sociedade por meio de uma educação transversal e multidisciplinar que permita aos alunos aprenderem os conteúdos, mas também aprenderem sobre tolerância, respeito, empatia e coletividade.

A respeito do papel da educação para a formação cidadã do indivíduo, Libâneo afirma:

[...] educação é o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social [...] É uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de “ser humano”. [...] (LIBÂNEO, 1998, p. 22).

Para Libâneo (1998), a escola, além de alfabetizar o homem, também o conscientiza e o incentiva a ser crítico e autônomo em suas atitudes, ou seja, torna-o sensível para que tenha consciência ao se comportar e agir para com seus semelhantes. Tão importante quanto erradicar o analfabetismo, é desenraizar os hábitos imorais, antiéticos e preconceituosos impregnados no homem, ou seja, os problemas morais e éticos que abalam a sociedade e oprimem os grupos vistos como “mais fracos” (as mulheres). Assim, “A autonomia se refere à criação de novas relações sociais que se opõem às relações autoritárias existentes” (FREIRE, 1994, p. 47).

O machismo, a desigualdade de gênero, a violência e conseqüentemente o assédio sexual, firmados na supremacia exercida pelo masculino sobre o feminino são algumas das deficiências morais mais vigentes e menos tratadas dentro dos colégios, exatamente por oprimirem e intimidarem a mulher. De tal modo, sabendo-se que a educação é responsável pela humanização do homem, surge a seguinte indagação: Se a escola é um espaço de formação

cidadã que tem como lema o respeito, a dignidade e a igualdade, por que ainda acontece tais atos e as mulheres ainda são tão constrangidas dentro desta?

O problema e a brecha para que isso ocorra, está na omissão por parte da escola, na falta de punição e atenção ao aluno assediador, na falta de trabalhos que despertem a reflexão e a criticidade dos mesmos e no despreparo dos professores para lidarem com tais problemas. Muitos educadores ainda são alheios a muitos atos de violência dentro da escola, por não saberem como agir ao se depararem com tais situações ou mesmo por medo da repressão por parte dos alunos.

[...] o professor sente-se inseguro para exercer a tarefa formadora porque lhe “falta formação, teme a opinião dos familiares dos alunos e fica pouco à vontade” de tratar determinados assuntos, particularmente àqueles relacionados à sexualidade. Considera-se “não capacitado para lidar com preconceito e discriminação” nessa área, para evitar “agressão de todos os tipos e desenvolver atividades de conscientização” inclusive porque precisaria ter a possibilidade “de medir o limite do preconceito existente nele” próprio. Somente, assim, seria capaz, por exemplo, de apresentar de forma objetiva “os avanços obtidos por parte de alguns grupos como negros, homossexuais, mulheres”, bem assim, defender de modo fundamentado a laicidade da escola e denunciar o machismo ali existente. (SCOTT, P.; LEWIS, L; QUADROS, M. T., 2009)

Partindo da reflexão sobre as afirmações dos autores citados acima, nota-se que os docentes precisam estar preparados para lidarem como as situações que para muitos deles, é vista como embaraçosa, já que nem sempre as famílias concordam que discussões a respeito de assuntos tidos como tabus, sejam feitas com seus filhos e parentes. Neste caso, para a escola, também é necessário engajar as famílias nas discussões, buscando abrir o entendimento e as mentes das famílias para entrarem na luta juntamente com os professores, buscando também, educar sexualmente o aluno.

A educação sexual é obrigatória nas escolas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº. 9.394 de 20/12/96, e pelo Ministério da Educação. Portanto é papel da escola falar sobre sexualidade, respeito a mulher, violência sexual, machismo, desigualdade de gênero, entre outros assuntos, para fazer provocar o senso crítico e emocional dos alunos e alunas, afim os mesmos reflitam sobre seus sentimentos e convicções construídos cultural e socialmente diante de conflitos interpessoais. É dever da escola em conjunto com a família, desconstruir preconceitos de gênero e construir novas relações entre homens e mulheres baseados na igualdade e no respeito. “Por isso mesmo, a conscientização é um compromisso histórico. É também consciência histórica: é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo” (FREIRE, 1980, 26).

A escola deve desenvolver por meio do seu projeto político pedagógico (PPP) e do seu currículo, temas (que trabalhem a educação sexual, a ética, a igualdade, o respeito e etc.) e meios que possibilitem uma educação reflexiva, coerente com a moral e os valores que os alunos deverão desenvolver, pois ela é um espaço para construções e não meramente para cumprimento de obrigações. Por isso, Scopel e Gomes, (2006, p. 11) dizem:

A formação de valores na escola proporciona aos alunos o respeito mútuo às diferenças, à solidariedade e à tolerância com os colegas e demais pessoas de seu convívio, levando-os a trabalhar em equipe e se socializar, aprendendo a ganhar e a perder. O resultado da educação de valores na escola ajuda os alunos a se desenvolverem como pessoas humanas, proporcionando o desenvolvimento harmonioso de todas as qualidades do ser humano.

Em concordância com os autores acima, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 estabelece ainda, que os valores são de grande importância para a construção da identidade e da cidadania dos alunos, também é importante para conviverem tanto dentro quanto fora do ambiente escolar, possibilitando a consideração das diferenças, e conseqüentemente a tolerância às meninas, assim como o estatuto da criança e do adolescente (ECA) em seu artigo 5º, lei Federal n. 80699/90, que deixa claro que “[...] nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão[...]”.

Com a incidência dos casos de desrespeito e assédio contra as meninas dentro dos colégios, algumas alunas, para se defenderem partem para a violência, ou mesmo para tentarem desviar a atenção de si próprias, passam a ter as mesmas atitudes que os meninos têm para com elas, ou seja, em seu pensamento existe a ideia de que ao apontar, evidenciar e violentar o outro, ela estará com seus problemas ‘invisíveis’, tal atitude se trata de uma maneira de se defender ou se esconder do assédio e da discriminação dentro da escola. Já que:

[...] o indivíduo estigmatizado pode aproximar-se de contatos mistos variando entre o retraimento e a agressividade tornando assim a convivência com outras pessoas muito violenta, além de provocar uma série de respostas desagradáveis. (LYRA E BAUMER p, 05 s/d apud GOFFMAN,1988).

Com isto, muitas vezes apenas as ações de defesas por parte das meninas são enxergadas pela escola, ao reagirem com violência a um toque nas partes íntimas, a um comentário obsceno, a um beijo forçado ou até mesmo a um abraço pelo uso da força, são chamadas a atenção ou até mesmo punidas, e assim permanece invisível o problema mais sério, o assédio sexual, e quem realmente precisa de advertência e acompanhamento, o aluno autor da violência.

Atualmente muitas campanhas por meio da mídia e dos movimentos sociais a favor da mulher, enfatizam a importância de ensinar os meninos desde o início da vida a respeitar as meninas, pois ao invés de ensinarem as meninas a não serem violentadas, as famílias têm que ensinar os meninos a não violentarem e a respeitarem as mesmas. O objetivo dessas campanhas é formar homens livres do machismo, cientes dos direitos das mulheres, com a consciência do dever de respeitar às opiniões e às vontades das mesmas.

Por parte da escola, existe a obrigação de observar e entender a necessidade que a mulher possui de proteção, cuidados e de respeito garantindo assim, o seu pleno desenvolvimento e autonomia. Também é importante tratar o adolescente assediador, já que, os alunos que estão na fase da puberdade, além de estarem descobrindo sua sexualidade, ainda carregam enraizados em si mesmos estereótipos e influências culturais, sociais e familiares.

Desde cedo são educados, inclusive pelas mulheres, para se tornarem agressivos, competitivos, provedores e intolerantes com a manifestação de sentimentos e emoções. Há certo temor de serem rotulados como “fracos”, caso manifestem algum comportamento que lembre o campo emotivo feminino. (SANTOS E COSTA, 2009, P. 02).

É obrigação também da comunidade escolar, buscar subsídios para descobrir as origens desse aluno, e meios para intervir nesse processo e nos atos machistas e muitas vezes criminosos, que podem ter origem dentro de seu próprio lar, pois muitas vezes as atitudes de um adolescente sejam elas boas ou más, são reflexo do que ele presencia em sua família, ou mesmo dos incentivos machistas que recebe, visto que, apesar da escola ter uma função primordial na formação do homem, é da família que ele recebe a primeira educação, os primeiros princípios e os valores (sejam eles bons ou ruins).

No que se refere a educação, para que a escola funcione realmente como um espaço consolidado de transformação e formação para a vida, a mesma precisa ter quatro finalidades indispensáveis pontuados por Libâneo. No que tange a formação cidadã o 3º e o 4º objetivo são essenciais:

[...] O terceiro objetivo é a formação para a cidadania crítica e participativa. As escolas precisam criar espaços de participação dos alunos dentro e fora da sala de aula em que exercitem a cidadania crítica. [...] O quarto objetivo é a formação ética. É urgente que os diretores, coordenadores e professores entendam que a educação moral é uma necessidade premente da escola atual. Não estou pregando o moralismo [...] Estou falando de uma prática de gestão, de um projeto pedagógico [...] que programe o ensino do pensar sobre valores. [...] Em resumo, eu proponho investir na capacitação efetiva para empregos reais e na formação do sujeito político socialmente responsável. (LIBÂNEO, 1998, p. 4-5).

A partir disso, fica claro que a formação para a cidadania e para os valores, são deveres existentes no espaço de ensino e aprendizado, uma vez que, normas sem discussões e

imposições de deveres sem conscientização, de nada servem, pois um complementa o outro, e isso é essencial em um espaço constituído de teoria e prática, de deveres e direitos e de construções e desconstruções humanas. Para uma sociedade melhor e com seres humanos melhores, é melhor educar do que punir.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

A pesquisa tem por finalidade analisar o entendimento que os alunos possuem a respeito do machismo, do assédio sexual e da desigualdade de gênero, observar os casos de assédio sexual cometidos por alunos contra alunas dentro do espaço escolar, além de analisar e discutir como a escola pode contribuir para a solução dos estigmas e preconceitos contra as mulheres, já que, como base para o desenvolvimento em geral de um ser humano, está primeiramente o bom convívio familiar seguido do bom convívio escolar e social.

O estudo será feito em uma escola pública de ensino fundamental II de Mãe do Rio, com 29 alunos de uma turma de 9º ano e o coordenador pedagógico da instituição. O critério para a escolha dos participantes é o seguinte: Alunos do 9º ano do ensino fundamental maiores de 13 anos, já que é nessa fase que a sexualidade está mais desenvolvida e os casos de assédio são mais comuns (apesar de na fase da infância também haver casos). Ao todo, foram aplicados 29 questionários.

A pesquisa será de abordagem metodológica qualitativa, que segundo Chizzotti, serve para:

[...] designar pesquisas que, usando, ou não, quantificações, pretendem interpretar o sentido do evento a partir do significado que as pessoas atribuem ao que falam e fazem. [...] Implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível (2010, p. 28).

A pesquisa consistirá em um estudo de caso, que possibilitará mostrar a realidade de fato, de forma mais profunda e enfatizar a interpretação do caso em um maior contexto.

O estudo de caso pode decorrer de acordo com uma perspectiva interpretativa, que procura compreender como é o mundo do ponto de vista dos participantes, ou uma perspectiva pragmática, que visa simplesmente apresentar uma perspectiva global, tanto quanto possível completa e coerente, do objeto de estudo do ponto de vista do investigador (GERHARDT E SILVEIRA 2009, P. 39 APUD FONSECA, 2002, P. 33).

O estudo será de caráter bibliográfico, já que buscarei como âncora de conhecimento a respeito do assunto, ideias e afirmações de autores que já discutiram tais assuntos, como: Bourdieu, Beauvoir, Libâneo, Freire, dentre outros, com isto:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. [...]que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (GERHARDT E SILVEIRA 2009, p. 37 apud FONSECA, 2002, p. 32).

A pesquisa também será realizada através de questionário semi-estruturado com perguntas abertas e fechadas, que facilitarão a coleta de dados e a análise dos mesmos, o foco

é, não somente a representatividade numérica, mas também uma maior compreensão dos sujeitos e a produção de novas informações, bem como de novas reflexões a respeito do problema investigado. Para Gil, pode-se definir o questionário:

[...] como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. [...] traduzir os objetivos da pesquisa em questões específicas. As respostas a essas questões é que irão propiciar os dados requeridos para testar as hipóteses ou esclarecer o problema da pesquisa. As questões constituem, pois, o elemento fundamental do questionário. (1999, p. 128 e 129).

Para facilitar o acesso as informações de maneira prática e para estabelecer precisamente os pontos relevantes para o trabalho a metodologia será auxiliada por consultas em meio digital, por livros e por coleta de dados por meio de questionários, onde se buscará recolher informações relevantes.

Partindo dos referenciais teóricos citados, iremos discutir sobre o tema, proporcionando um diálogo de maneira precisa para melhor aproveitamento intelectual do leitor, e assim, realizar um melhor o levantamento de dados, para que os objetivos e os resultados sejam alcançados. Após a análise de toda a pesquisa, organizarei o conteúdo deste trabalho acadêmico, a fim de apresentá-lo e contribuir academicamente para novas pesquisas neste campo.

2.1 LOCAL DA PESQUISA: ESCOLA MUNICIPAL DE ENSINO FUNDAMENTAL PE. LOURENÇO SCOTTI.

A escola foi fundada no ano de 1973 e inaugurada em 1976, seu nome é em homenagem ao padre da cidade na época. Está situada na rua Alfredo Chaves, nº 603, bairro Umarizal, na zona urbana da cidade de Mãe do Rio, estado do Pará. A escola funciona nos turnos da manhã e da tarde, comportando 749 alunos em 22 turmas do 6º ao 9º ano. A mesma possui 63 funcionários: 01 diretora, 01 vice diretor, 02 coordenadores pedagógicos, 09 servente, 01 auxiliar de regência, 01 secretária, 05 assistentes administrativos, 01 bibliotecária, 01 psicopedagoga, 02 vigias, 01 zelador, 01 inspetora, 01 psicóloga.

A estrutura física é composta por 13 salas de aula climatizadas, 01 biblioteca, 01 sala dos professores, 01 secretaria, 01 sala multifuncional, 01 diretoria, 01 arquivo, 01 coordenação, 01 sala de música, 01 copa, 01 área coberta, 01 banheiro feminino e 01 banheiro masculino, 01 sala de informática inativa, 02 bebedouros e 01 quadra poliesportiva

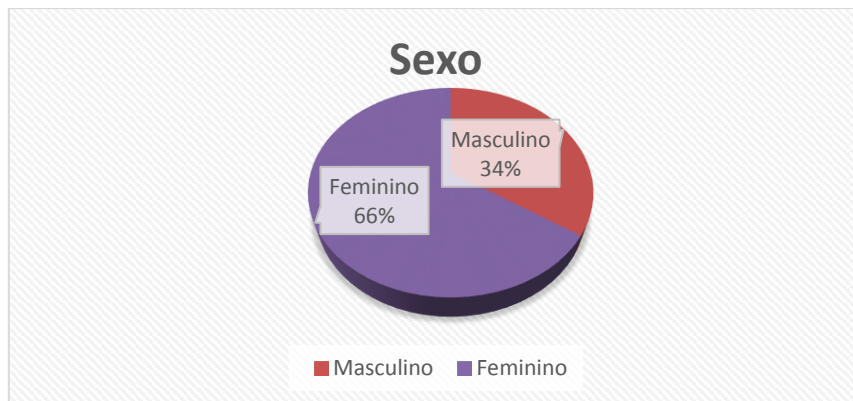
A missão da escola consiste em promover interação através de atividades multidisciplinares com o envolvimento de todos, alunos, funcionários e comunidade; atividades que favoreçam a troca de conhecimentos e experiências, primordiais para alcançar um aprendizado de qualidade.

A escola Pe. Lourenço Scotti tem como tema: valores, e como lema: conhecimento e respeito. Sua filosofia consiste em promover um ensino democrático e de qualidade com o compromisso e reponsabilidade de formar educandos críticos e participantes, capazes de agir na transformação da sociedade, respeitando e valorizando a diversidade cultural e realidade local, com vista ao pleno exercício da cidadania e para o desenvolvimento individual, coletivo, político, ético e moral.

3 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS E OS RESULTADOS OBTIDOS

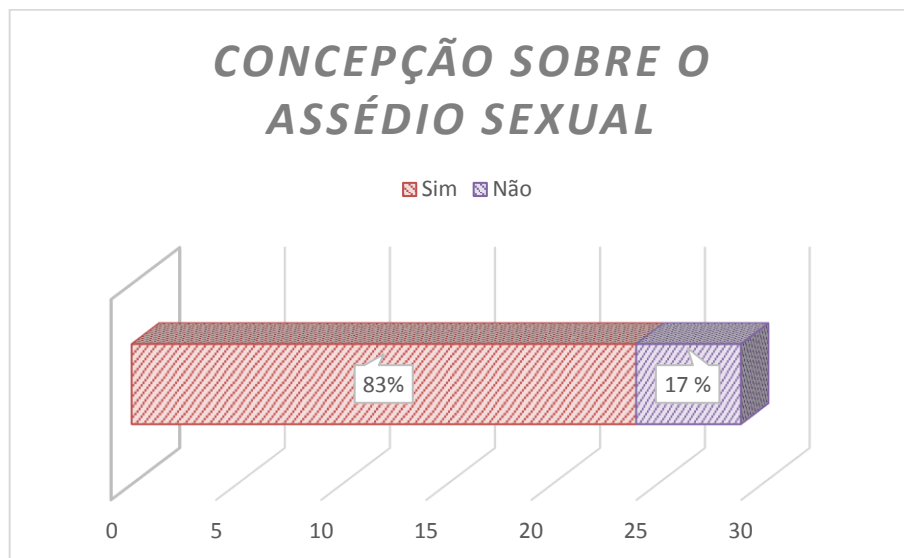
A partir das análises e da organização dos dados coletados através do questionário aplicado a turma do 1º ano A, foi possível adquirir informações relevantes sobre o assunto da pesquisa, bem como entender: A existência e a incidência do assédio sexual entre alunos dentro do ambiente escolar, a presença da desigualdade entre gêneros, a impregnação (mesmo que de forma camuflada) cultural do machismo e as ações educacionais da escola na intervenção ou não intervenção de tais fatos. A turma possui 33 alunos, mas por motivo de falta só 29 participaram da pesquisa, sendo 19 meninas e 10 meninos, como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 1: Sexo



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 2: Concepção sobre o assédio sexual



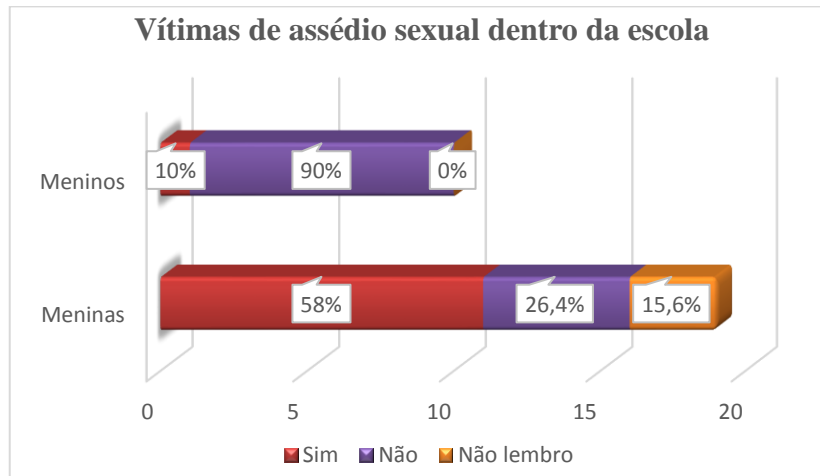
Fonte: Elaboração própria

Através do questionário, ao serem indagados se sabiam o que era assédio sexual, e quais suas opiniões sobre o conceito do mesmo, dos 29 alunos, 83% (25) afirmaram saber, e

17%(4) afirmaram não saber o que era assédio sexual. Dentre os que disseram saber, 19 responderam corretamente, de acordo com suas opiniões, souberam explicar com base na definição correta de assédio sexual, enquanto os 6 restantes responderam, mas as respostas não ficaram claras, algumas foram pouco elaboradas e outras erradas. A seguir estão transcritas as falas que melhor explicaram o termo, assim, como também as incorretas e as equivocadas:

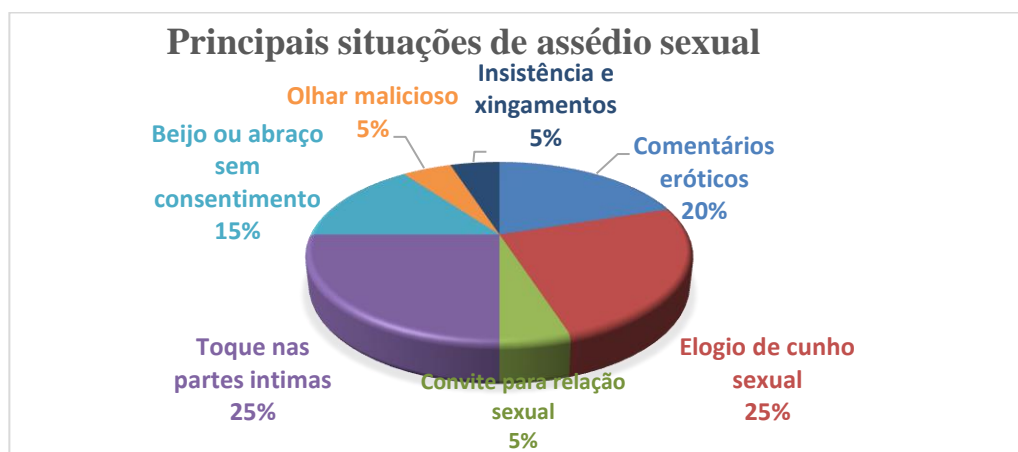
- A. “Assédio é qualquer tipo de toque ou modo de falar sexualmente com uma pessoa, que deixam ela desconfortável”
- B. “É uma pessoa fazer comentário maldoso, ou toca-la sem permissão dela”
- C. “É alguém mexer com você, e depois essa pessoa começar a tocar em você sem permissão”
- D. “Quando uma mulher é abusada ou assediada com palavras”
- E. “Quando uma pessoa faz algo relacionado, passa a mão nas partes íntimas. Algo que desperta o desejo sexual da pessoa dessa pessoa, e a outra não aceita”
- F. “É quando uma pessoa força a outra a fazer o que ela não quer, tipo: beija-la”
- G. “É quando uma pessoa tenta beijar e paga a força. Isso gera uma forma de assedio, principalmente com mulheres”
- H. “É quando um homem para uma mulher na rua ou em qualquer lugar, e quer beijar sem ela querer”
- I. “Quando um homem tenta fazer uma coisa que a mulher não quer, tipo coisas sexuais”
- J. “Se a pessoa é tocada em algum lugar do corpo, ou criticada com elogios que ela não gosta, isso pode ser chamado de assédio sexual”.
- K. “Acho que é mesmo que aquele caminhoneiro fez com aquela moça”
- L. “É quando a pessoa obriga a outra a fazer o que ela não quer”
- M. “É quando uma pessoa fala uma coisa e a outra não gosta”
- N. “É quando o homem maltrata a mulher”
- O. “É estuprar”

Por meio das respostas descritas acima, nota-se que a maioria dos alunos conseguiram explicar o que é, ou como ocorre o assédio sexual, mas outros, não conseguiram, o que fica claro que ainda há falta de conhecimento, pois muitos confundiram assédio sexual com estupro, fofoca e violência física.

Gráfico 3: Vítimas de assédio sexual dentro da escola

Fonte: Elaboração própria

Diante do gráfico, pode-se perceber que tanto meninas quanto meninos já sofreram assédio sexual dentro do colégio. Dos meninos 10% diz já ter sofrido, 90% diz nunca ter sofrido, já as meninas, 58% diz já ter sofrido, 26,4% diz nunca ter sofrido e 15,6% diz que não lembra. Apesar da possibilidade de o assédio sexual acontecer com ambos os sexos, fica nítido a diferença no que se refere ao índice de acontecimentos quando se trata do gênero, 10% o que corresponde a 1 menino, contra 58% o que corresponde a 11 meninas. Com isso, comprova-se que assim como em outros espaços da sociedade, dentro do ambiente escolar as mulheres também são as maiores vítimas de assédio, com índices isolados se comparado aos homens, inclusive, “[...] uma pesquisa nacional na África do Sul mostrou que quase 8% de todas as meninas que frequentam escolas secundárias já tiveram experiências com agressão sexual grave ou estupro enquanto estavam na escola” (UNESCO, 2015b, p.2).

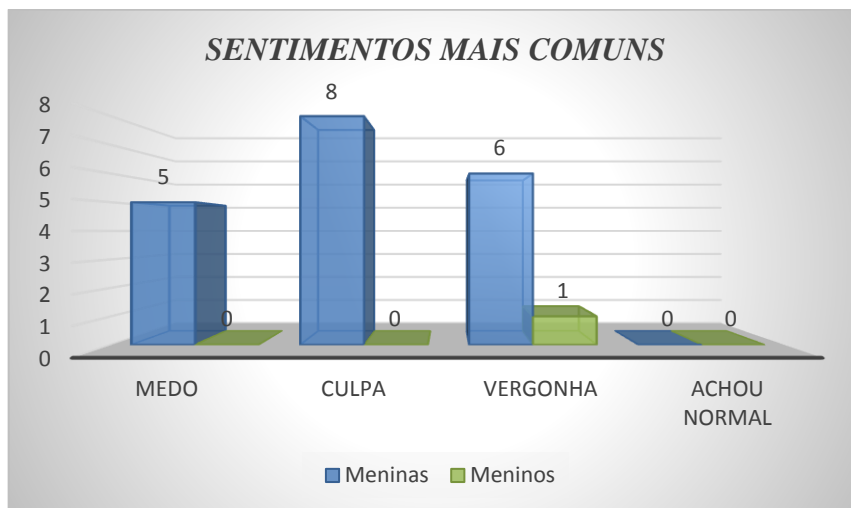
Gráfico 4: Principais situações de assédio sexual

Fonte: Elaboração própria

Dentre as situações de assédio sexual sofridas pelos alunos dentro da escola, 25% das meninas em sua totalidade, já tiveram suas partes íntimas violadas, 25% já receberam algum “elogio” de cunho sexual, 20% ouviram comentários eróticos, 15% foi beijada ou abraçada sem seus consentimentos, 5% já receberam olhares maliciosos e 5% já receberam convites para relação sexual.

As situações que mais se destacaram foram: O toque nas partes íntimas e o elogio de cunho sexual, assim, percebe-se que o assédio sexual dentro da escola, acontece mais comumente por meio de toques inesperados e palavras baixas, mostrando que no que tange aos toques íntimos, as vítimas são sempre meninas, que com isto ficam mais propensas a serem vítimas de estupros e mostrando também a objetivação e o sentimento de posse dos meninos sobre os corpos das meninas.

Gráfico 5: Sentimentos mais comuns



Fonte: Elaboração própria

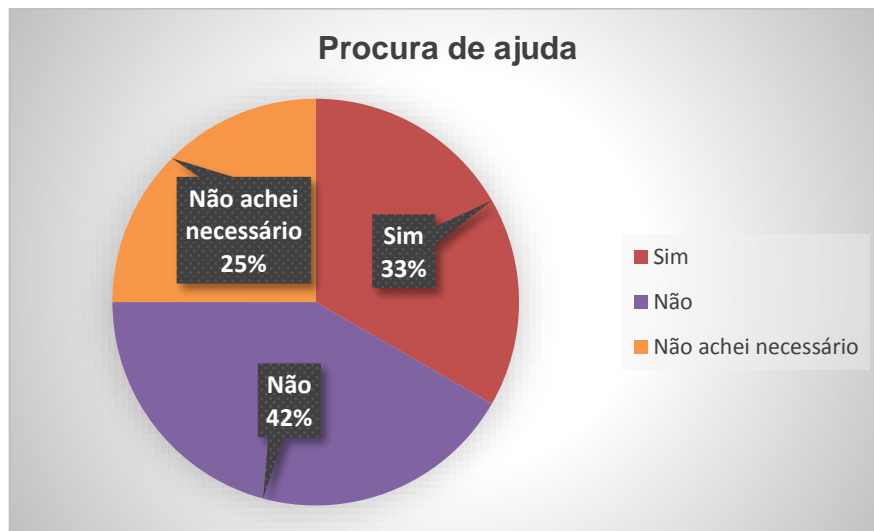
Ao serem questionados sobre o que sentiram ao serem assediados dentro da escola, 5 meninas disseram sentir medo, 8 meninas disseram sentir culpa, 6 meninas e 1 menino disseram sentir vergonha e nenhum aluno achou normal; algumas alunas marcaram mais de uma (1) opção, ficando claro que vergonha e a culpa, são as emoções mais sentidas, simultaneamente, pelas vítimas.

Apesar do erro estar em quem assedia, como naturalizado pela sociedade patriarcal e machista, a mulher sempre sentirá vergonha e tomará para si própria a culpa pela violência sofrida. A mulher sempre será a responsável pelo que acontecer, seja com ela própria ou com os homens que a rodeiam, ela é culpada por ser estuprada, assediada, espancada e morta, é

culpada por engravidar, por abortar, por ser traída, por ser exposta, por sofrer discriminação e preconceito.

Além de tomar sobre si a culpa, a mulher também adota o silêncio, muitas evitam falar sobre a violência e denunciar seus agressores, porquanto, desde muito cedo as meninas são ensinadas a “deixar quieto” e a ignorar as ações masculinas, aprendem que trair é coisa de homem, que ser violento é coisa de homem, que estar no poder é papel do homem. À mulher resta a omissão e a submissão imposta pelo patriarcalismo exacerbante na sociedade, uma vez que a dominação a repressão é, como diz Soares (1999, p. 125): “Uma violência masculina que se exerce contra as mulheres pela necessidade dos homens de controlá-las e de exercer sobre elas o seu poder”.

Gráfico 6: Procura de ajuda



Fonte: Elaboração própria

A partir das informações do gráfico acima, vê-se que dos alunos, 33% procuraram ajuda, 42% não procuraram ajuda e 25% não acharam necessário. O que chama a atenção, é que, a grande maioria dos alunos vítimas de assédio dentro da escola, não procuraram ajuda. Ao serem indagados do motivo pelo qual não procuraram apoio, algumas meninas, responderam que por medo, vergonha e culpa preferiram ficar caladas. Uma das falas que mais chamou a atenção foi de uma aluna que disse:

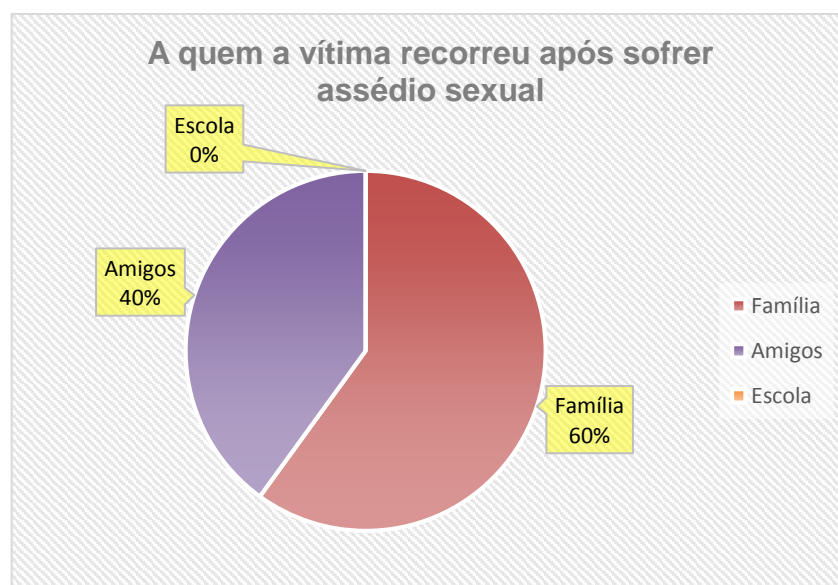
A. “Não precisei procurar ajuda de ninguém, eu simplesmente dei um soco na cara dele e outro aluno também bateu nele”.

A partir disso, comprova-se o que diz Goffman (1988) sobre a violência como forma, pela qual, muitas vezes as mulheres procuram suas defesas: “[...] o indivíduo estigmatizado

pode aproximar-se de contatos mistos variando entre o retraimento e a agressividade [...]”. São pedidos de socorro materializados em atos de desespero, agressões físicas e verbais, isto acontece por conta do descaso da escola, ou seja, da falta de apoio às alunas assediadas, que preferem fazer justiça com as próprias mãos, do que procurar a direção ou coordenação da escola, já que não confiam que alguma providência será tomada.

O gráfico a seguir, mostra esta descrença dos alunos/alunas em relação ao apoio da escola.

Gráfico 7: A quem a vítima recorreu após sofrer assédio sexual

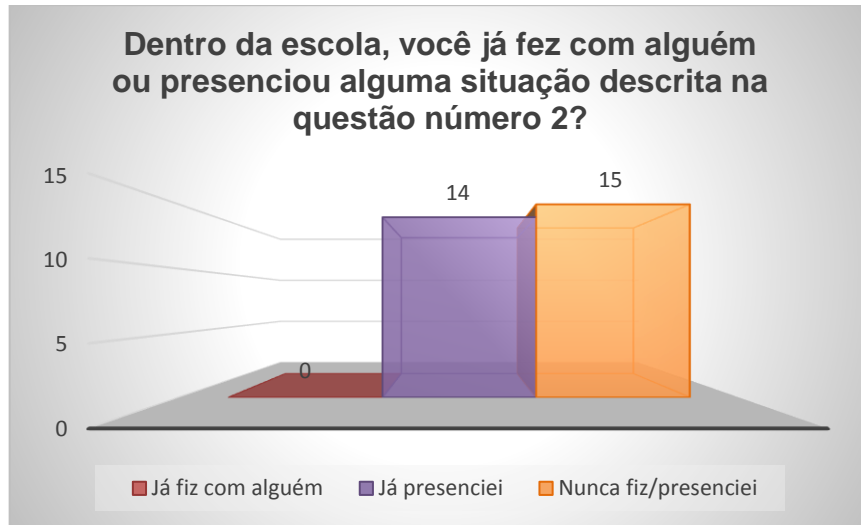


Fonte: Elaboração própria

A partir da questão número 06 do questionário, com a finalidade de observar a quem os alunos recorrem ao serem assediados, ficou claro que a escola não está inclusa na lista de ajuda. Dos alunos que procuraram algum auxílio, 60% procurou a família, 40% procurou aos amigos, enquanto ninguém procurou a escola.

No que tange a ação da escola, “A ação política ao lado dos oprimidos deve ser uma ação pedagógica no verdadeiro sentido da palavra e, portanto, uma ação com os oprimidos” (FREIRE, 1980, p. 85). Contudo, o fato dos professores, diretores e coordenadores estarem despreparados para tratar do assunto, faz com que os subsídios e o apoio que a mesma deveria dar aos alunos, tanto aos que são vítimas, quanto aos que assediam, sejam insuficientes ou omitidos, gerando a desconfiança e o desconforto dos educandos, os afastando do espaço de construção e desconstrução, formador e mediador que é ou que deveria ser a escola.

Gráfico 8: Dentro da escola, você já fez com alguém ou presenciou alguma situação descrita na questão número 2?



Fonte: *Elaboração própria*

Com o intuito de identificar as experiências e contatos que os alunos já tiveram com o assédio sexual, principalmente aqueles que afirmaram nunca terem sido vítimas de tal crime, em suas vidas escolares, foi feita a seguinte pergunta: “Dentro da escola, você já fez com alguém ou presenciou alguma situação das que estão descritas na questão número 2?”

Como exibe o gráfico, dos 29 alunos participantes da pesquisa, 15 afirmam que nunca viram nem presenciaram tais situações, 14 afirmam já terem presenciado e 0 alunos afirmaram terem assediado algum colega dentro da escola.

Os alunos que alegaram já terem presenciado outros colegas sofrendo assédio sexual, foram orientados a descreverem como ocorreu o fato, assim foi possível obter relatos, como:

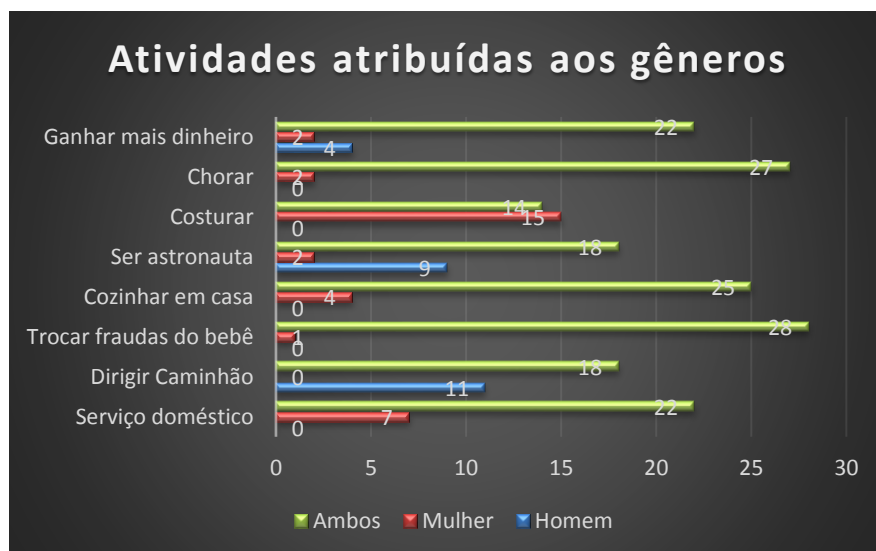
- A. “Vi um menino forçando outra menina a abraçar ele e puxou bem forte o braço dela”.
- B. “Foi um beijo e um abraço sem consentimento na minha colega, ela se sentiu mal, ficou com medo e com vergonha, pois, ela não conhecia o menino”.
- C. “Já vi um menino pegando nas partes íntimas de uma menina sem ela querer”.
- D. “Um menino chamou minha amiga de gostosa”
- E. “Foi uma situação estranha, ele cometeu um assédio, pois beijou ela a força”.
- F. “Nunca fiz com ninguém, mas já presenciei em vários momentos, alguns alunos dizendo palavras de baixo calão”.
- G. “Já presenciei situação de comentários eróticos”.

H. “O menino pegava nas suas partes íntimas, sem que ela deixasse, ele pegava em seu bumbum e em seus seios”.

Através das falas dos alunos apresentadas acima, constata-se que o assédio sexual dentro da escola, tem ocorrido com grande frequência. Os diversos casos e as várias formas como o mesmo acontece, bem como a apatia, em relação ao mesmo, reflete como ele está presente entre os adolescentes, pois apesar de se saber que tais situações não são normais nem corretas, através da fala dos alunos e alunas se percebe o quanto o assédio é corriqueiro e naturalizado, perante a sociedade, inclusive no espaço escolar.

Dos 14 alunos que afirmaram ter presenciado alguma vez, a ocorrência de assédio sexual dentro da escola, apenas 8 alunos relataram o que viram, destes, 6 são meninas e 2 são meninos, o que mostra que as meninas estão mais frequentemente em contato com o assédio do que os meninos, ou mesmo se atentam mais para esses atos, já que, os meninos, muitas vezes não olham diferente ao se depararem com tais ações, por conta da virilidade masculina e por terem sido educados para achá-las naturais, uma vez que, como diz Bourdieu (1999, p.103): “A educação viril masculina não é reproduzida apenas na esfera doméstica, mas na família, na igreja, na escola e no Estado”.

Gráfico 9: Atividades atribuídas aos gêneros



Fonte: *Elaboração própria*

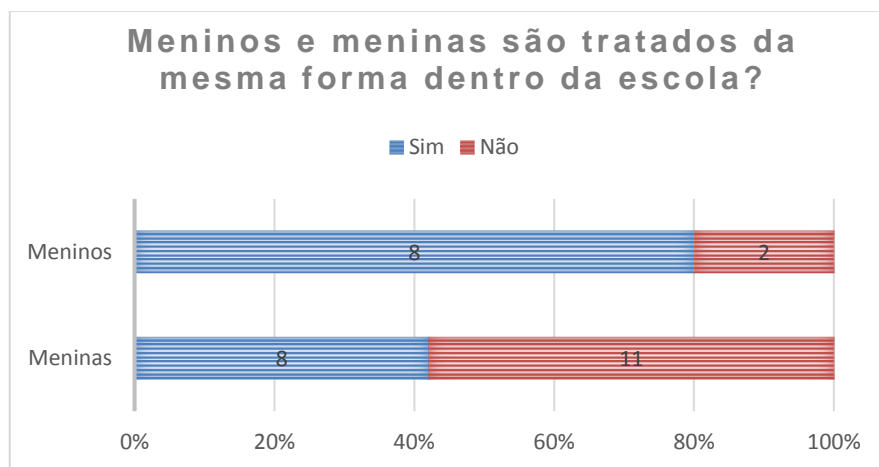
Com o objetivo de analisar a influência do machismo e da desigualdade de gênero, nos casos de assédio sexual na escola e suas impregnações nos alunos, os participantes da pesquisa foram orientados a responder à questão número 08, que pediu o seguinte: “Observe as atividades abaixo, e assinale a quem, na sua opinião as mesmas são atribuídas”, assim os

mesmos teriam que opinar se a atividade pertenceria ao homem, a mulher ou a ambos. A partir disso, foi obtido o resultado exposto no gráfico acima. Diante dos dados, vê-se que as atividades: Ganhar mais dinheiro, chorar, ser astronauta, cozinhar em casa, trocar o bebê, dirigir caminhão e serviço doméstico, foram atribuídas pela maioria dos alunos a ambos, ou seja são papéis que tanto homens quanto mulheres podem desempenhar. Já a atividade: costurar foi atribuída em sua maioria as mulheres.

Ao observar mais profundamente as respostas, é possível detectar a desigualdade de gênero, mesmo camuflada, impregnada na mentalidade dos alunos e alunas. As atividades chorar, cozinhar em casa e serviço doméstico em nenhum momento foram atribuídas somente ao homem, pelos alunos, ou seja, ou são desempenhadas por ambos ou só pelas mulheres, nunca somente pelos homens. Assim como, a atividade: dirigir caminhão, também ficou dividida somente entre ambos e homens, não sendo atribuídas como profissão somente de mulher, a atividade: ser astronauta, teve uma diferença considerável, enquanto 2 alunos disseram ser atividade e mulher, 9 alunos defenderam como atividade de homem.

Isso reflete a lógica da desigualdade culturalmente imposta aos gêneros, que nada mais é do que “ um elemento constitutivo das relações sociais, baseado em diferenças percebidas entre os sexos e mais, o gênero é uma forma primeira de dar significado às relações de poder”. (SCOTT apud ARAÚJO, 2015), o que acaba dividindo e medindo a capacidade dos mesmos, ou seja, a mulher sempre responsável pelo serviço interno, a casa, a cozinha, a máquina de costura; enquanto cabe aos homens o serviço externo, o mundo, a estrada, o espaço e a aventura.

Gráfico 10: Meninos e meninas são tratados da mesma forma dentro da escola?



Fonte: Elaboração própria

Ainda com o intuito de compreender a opinião dos alunos a respeito da desigualdade entre meninos e meninas, afim de saber se os mesmos se sentem humanamente e socialmente iguais perante os direitos e deveres dentro da escola, foi feita a seguinte pergunta: “você acha que meninas e meninos são tratados da mesma forma e têm os mesmos direitos dentro da escola?”

Sobre a forma de tratamento e igualdade dos mesmos pela escola, na questão número 09, 8(80%) dos meninos responderam que sim, meninos e meninas são tratados da mesma forma e têm os mesmos direitos, enquanto 2(20%) responderam que não. No que diz respeito as meninas, 8(42%) acham que sim, ambos os gêneros são igualmente tratados, enquanto, 11(58%) acham que não, que as meninas não têm os mesmos direitos nem o mesmo tratamento por parte da instituição escolar.

Diante dos dados apurados e expostos no gráfico acima, é possível ver a divergência de opiniões entre os gêneros, enquanto a maior parte dos meninos acham que há igualdade, a maioria das meninas acham que há desigualdade no que se refere ao tratamento e aos direitos dados pela escola aos estudantes em geral. Abaixo estão transcritas algumas das justificativas dadas pelos alunos e alunas.

Dos 13 que se sentem desiguais dentro da escola, 5 não justificaram suas respostas (4 meninas e 1 menino). Dos 16 que se sentem igualmente tratados pela escola, 6 não justificaram suas opiniões (4 meninas e 2 meninos). Alguns alunos colocaram justificativas muito parecidas, por conta disto serão expostas abaixo apenas as falas que mais se distinguiram.

- A. “Percebo que as meninas são mais desvalorizadas pelo fato de serem meninas”
- B. “Até mesmo as vezes, os professores insinuam que os garotos têm mais força do que nós garotas”
- C. “Eu acho que aqui os meninos são melhores do que as meninas”
- D. “Porque muitos garotos agem com falta de respeito com as garotas e a direção não faz nada”
- E. “Vejo que as meninas são mais desvalorizadas aqui”
- F. “Por que minha escola é bem futurista”
- G. “Sim, existe respeito entre todos na escola, respeito em primeiro lugar”
- H. “Nunca vi nenhuma diferença entre nós na escola”
- I. “Todo mundo é tratado igual, ela direção”
- J. “Todos temos igualdade, sim”

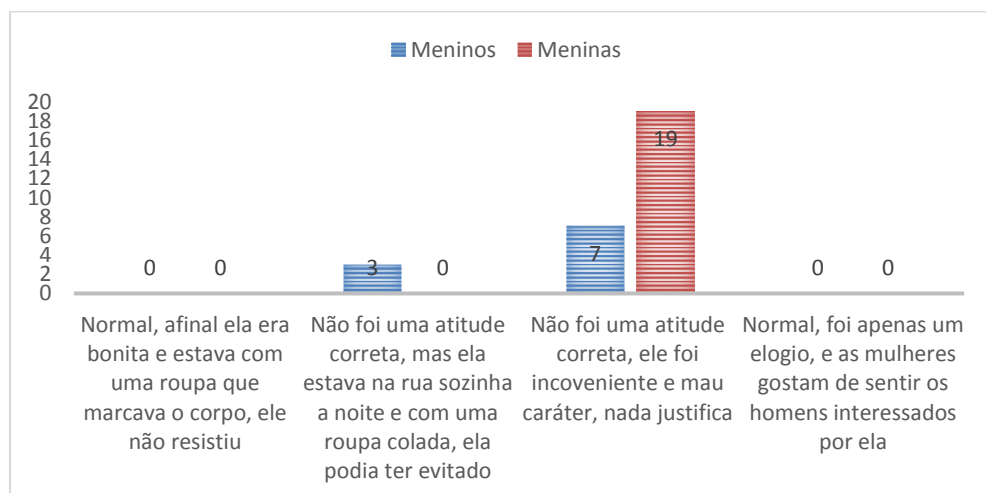
K. “Meninos e meninas são favorecidos igualmente aqui na escola”

O que se percebe através das respostas, é o quanto a maioria das meninas se sente desrespeitada e desigual diante dos meninos, em suas falas está explícita a insatisfação para com a forma que são tratadas pela escola, e no que tange os meninos, uma das falas chama a atenção:

A. “Todo mundo é tratado igual, o problema é que tem meninas maliciosas que não tem vergonha na cara e tem as mesmas atitudes” (Renato, 14 anos)

Através da declaração do aluno supracitado, o preconceito e a ideologia de que a mulher merece ser assediada por conta do seu comportamento ficam evidentes, pois segundo o pensamento machista: “Por trás da afirmação, está a noção de que os homens não conseguem controlar seus apetites sexuais; então, as mulheres, que os provocam, é que deveriam saber se comportar, [...]”. (PORTO, 2014, p. 22)

Gráfico 11: Questão teste para detectar machismo e preconceito de gênero



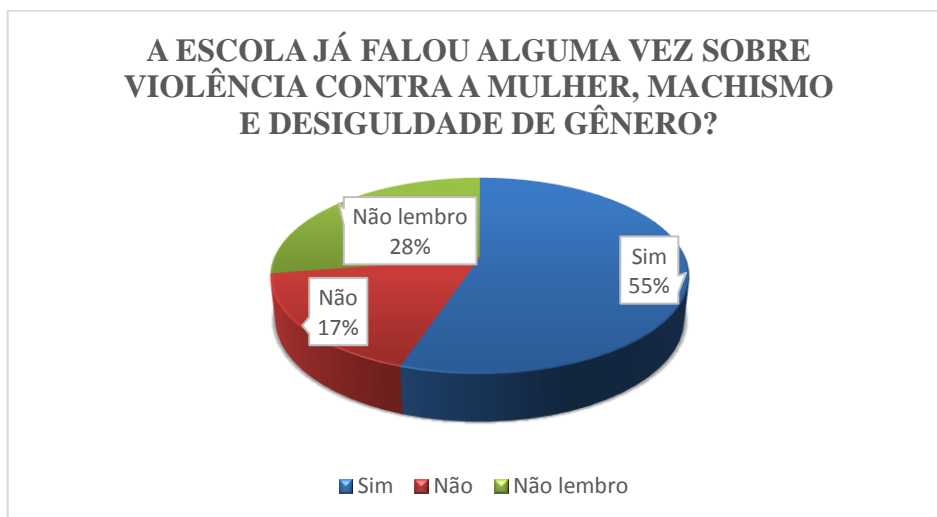
Fonte: *Elaboração própria*

O gráfico, corresponde a questão 10 onde foi feito uma espécie de teste para analisar se as opiniões dos entrevistados, contém algum machismo e preconceito. Os alunos foram orientados a escolher a opção que os mesmos achassem correta, para a seguinte situação: “Durante a noite, uma mulher sai da academia com destino a sua casa, ela está usando um short colado, uma camiseta e um tênis, no caminho, um homem a aborda, a chama de “gostosa” e tenta beijá-la, o mesmo pede insistentemente o número do seu celular, mesmo percebendo que moça não está gostando”. Os alunos tiveram as 4 opções expostas no gráfico acima, onde com unanimidade, todas as 19 meninas e 7 dos 10 meninos, marcaram a opção C, pois acharam que: “Não foi uma atitude correta, ele foi inconveniente e mau caráter, nada justifica o que ele fez”.

3 meninos marcaram a opção B, pois segundo eles: “Não foi uma atitude correta, mas ela estava na rua sozinha a noite e com uma roupa colada, ela podia ter evitado”. Nenhum aluno marcou a opção A ou a opção D.

Com o resultado do teste, nota-se que a maioria dos alunos possuem o conhecimento do que é o assédio, e que independentemente da situação é errado e nunca é culpa da vítima. Contudo, como em todo lugar, o machismo ainda está presente, inclusive na escola, pois mesmo que em pequena quantidade, tiveram alunos que afirmaram ser culpa da mulher, por esta usando roupas coladas e pelo horário em que a mesma estava na rua, o que mostra que infelizmente mesmo em meio a resistência, o pensamento machista e a culpabilização da vítima sempre está presente, pois para as ideologias machistas “[...]. A violência parece surgir, aqui, também, como uma correção. [...] O acesso dos homens aos corpos das mulheres é livre se elas não impuserem barreiras, como se comportar e se vestir “adequadamente”. (PORTO, 2014, p. 22) O que chamou muita atenção, foi o posicionamento unanime das meninas, o que foi muito significativo, pois mostra que mesmo sendo adolescentes, elas já possuem conhecimento de seus direitos.

Gráfico 12: A escola já falou alguma vez sobre violência contra a mulher, machismo e desigualdade de gênero?



Fonte: Elaboração própria

Na questão número 11, com a finalidade de saber se a escola Padre Lourenço Scotti desempenha esse papel e fala do assunto com os alunos, foi feita a seguinte pergunta: “A escola fala ou já falou alguma vez sobre a violência contra a mulher, machismo, desigualdade de gênero? Como foi? ” Em resposta, 55% dos alunos afirmaram que sim, 17% afirmaram que

não e 28% não lembraram. Dentre os 16 alunos que responderam “sim”, apenas 6 relataram o que realmente a questão pedia; 6 não souberam relatar e 4 responderam de forma incoerente.

- A. “Falou sobre o machismo, que pessoas assim deve ter respeito pelas mulheres e pelos homens também”
- B. “Explicou que qualquer incomodo precisa falar para alguém”
- C. “Foi uma palestra falando sobre esses acontecimentos”
- D. “Não foi a escola, foi a nossa professora de história que falou desse assunto com a gente”
- E. “Ela já falou, mas eu não lembro”
- F. “Foi tipo uma alerta para as meninas e um ensino para os meninos não fazerem isso no futuro”
- G. “Falou que os meninos não devem abusar das meninas”
- H. “Foi uma palestra no pátio da escola”
- I. “Chamaram todas as series para ver um seminário sobre tudo que era violência”

Juntando os 17% que responderam “não” com os 28% que “não lembraram”, somam-se 45% de alunos que ainda não foram conscientizados pela escola, mostrando que o assunto ainda não é tão abordado como deveria. A partir da fala dos alunos percebe-se que a mesma ainda não se aprofundou nas discussões sobre o assunto com os mesmos.

Através das análises do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, foram encontrados muitos projetos voltados para o esporte, para o meio ambiente, leitura, questões raciais, entre outros, porém, não há nenhum projeto voltado especificamente para desconstrução os pensamentos misóginos, preconceituosos e discriminatórios em relação a mulher bem como para o enfrentamento do assédio sexual nas dependências da escola.

Segundo o coordenador pedagógico da instituição, a escola até o presente momento não possui ações voltadas para tal problema, por conta da falta de profissionais capacitados para falar do assunto com os alunos. Outro Empecilho é o receio quanto a reação das famílias dos alunos.

“A escola ainda não possui projeto para o tema, a escola aborda sempre a questão do abuso sexual, mas com palestras voltadas para incentiva-los a reconhecer o abuso e denunciar, sempre fazemos no dia 18 de maio. Mas, para o assédio, o machismo e a desigualdade de gênero em específico, ainda não temos, é um tema delicado que Tem que ser tratado por alguém que entenda do assunto e saiba falar disso com eles (alunos), outra dificuldade é a questão das famílias, pela maioria serem católicas ou evangélicas, há o receio de retaliação, das mesmas confundirem com sexualização dos filhos”. (Coordenador pedagógico da escola)

A partir da declaração do coordenador da escola, confirma-se a hipótese de que os professores e profissionais na educação, muitas vezes não são preparados para lidar com o assunto e por isso optam por não falarem do mesmo com os alunos, o que também se confirma é a oposição das famílias (ainda moldadas segundo o modelo patriarcal) diante do mesmo, por conta da religião e os princípios que defendem, sendo ainda um tabu a questão da sexualidade dos filhos e parentes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, as mulheres estão mais empoderadas e críticas, já não se sujeitam nem aceitam serem tratadas diferentemente por conta de serem do sexo feminino, esse despertar de consciência política, autônoma e crítica faz com que as mesmas percebam o machismo, o preconceito de gênero, e quando são tratadas de forma inferior aos homens.

Contudo, por mais que hoje em dia tenham maior consciência de seus direitos e deveres, na maioria das vezes, as próprias não recebem o auxílio devido da sociedade e do estado, e continuam a serem discriminadas e colocadas em posições inferiores aos homens, reforçando ainda mais tais tratamentos e visões machistas, além dos padrões de desigualdade históricos entre gêneros

Na escola não é diferente, portanto, consideramos essencial apontar que o assédio sexual é uma realidade dentro da escola, porém, ainda é visto como algo sem importância. A pesquisa comprova que, embora também tenham sido identificadas experiências por parte dos meninos, são as meninas que sofrem o maior número de situações de assédio sexual na escola. Não somente o índice é maior, como também os tipos de situações mostram a grande diferença entre meninos e meninas, pois, enquanto um (1) menino foi assediado com comentários eróticos, onze (11) meninas passaram pelas mais diversas opressões, como: olhares maliciosos, toque nas partes íntimas, comentários eróticos, beijo forçado, entre outras ocasiões constrangedoras.

Chegamos à conclusão, que esse fato mostra claramente a existência da violência simbólica entre aluno/aluno (meninos e meninas), evidenciando o quanto a desigualdade de gênero e o machismo estão presentes na escola, e o quanto eles fazem parte do cotidiano, principalmente das meninas desde muito cedo, gerando consequências que interferem diretamente na formação da identidade e nas relações sociais e de vida.

Vimos que enquanto os meninos praticam atos de violência sexual e preconceito, as meninas são desrespeitadas e têm seus direitos usurpados. Muitas delas ficam desmotivadas, com a autoestima deteriorada, reféns do medo, da culpa e da vergonha, carregando sobre si mesmas estigmas e traumas que influenciam negativamente na emancipação das mesmas.

Os resultados que obtivemos através da pesquisa, também mostram por meio das respostas dos alunos ao questionário, que muitos sabem o que é o assédio sexual, mas também que muitos ainda são leigos dentro do assunto, o que apesar de ser uma minoria, contribui para

que o problema continue acontecendo dentro dos espaços escolares, através de comportamentos machistas, discriminatórios e violentos, e fortalecendo as relações de poder entre os gêneros.

Outra questão muito importante confirmada por esta pesquisa, é a apatia da escola no que tange a atenção e ao enfrentamento a esse problema tão corriqueiro dentro da mesma, pois se por um lado a maioria dos alunos confirmaram que a escola já falou sobre desigualdade de gênero, machismo e violência contra a mulher, por outro o grande índice de ocorrência, aponta que tal ação ainda não foi suficiente e que outras medidas precisam ser tomadas, bem como outros projetos têm que ser criados, o que se confirma com a fala do coordenador pedagógico da escola.

A ausência da escola também fica nítida, quando a maioria das alunas afirmam que meninos e meninas não são tratados e nem têm os mesmos direitos dentro da escola; quando os alunos, que se sentem constrangidos com situações de assédio sexual na escola, ao invés de procurarem a ajuda da instituição e dos professores, preferem se defender com suas próprias mãos e buscar auxílio nos colegas e família. Com isto, fica evidente a falta de relacionamento e confiança da parte dos alunos para com a escola.

A partir das análises que fizemos ao PPP (projeto político pedagógico) da escola confirmamos a omissão da escola em relação ao problema, bem como a falta de projetos voltados para o enfrentamento do problema e que inviabiliza a educação sexual, o que é de extrema importância para reverter o problema do assédio sexual, pois, a educação é a chave para o enfrentamento. Contudo, a escola e os educadores têm que ter um compromisso político de formar o sujeito, e para tanto é necessário deixar a neutralidade, se posicionar, construir o conhecimento, e desenvolver uma visão mais crítica.

O comprometimento da escola com a educação libertadora é fator indispensável para despertar a consciência de direitos e deveres nos alunos, isto é, gerar a autonomia e mudar comportamentos gerados por ideologias hegemônicas. Segundo Gadotti: “A força da educação está no seu poder de mudar comportamentos. Mudar comportamentos significa romper certas posturas, superar dogmas, desinstalar-se, contradizer-se. Portanto, a força da educação está na ideologia” (1995, p, 83).

Por fim, acreditamos que quanto mais cedo as mulheres forem orientadas a se posicionarem e os meninos a respeitá-las, mais avanços serão possíveis. No que diz respeito a emancipação da mulher, a escola precisa ser o agente de transformação e conquistas, para tanto é primordial cumprir com a obrigação de abordar tais assuntos, passar o conhecimento, investir

na criação de projetos, palestras com abordagens mais específicas sobre o machismo a desigualdade de gênero e a violência contra a mulher, inclusive o assédio, atividades interdisciplinares e dinâmicas que possam despertar a criticidade dos alunos, porquanto, “quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la” (FREIRE, 1980, p. 35).

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 2012.

_____, **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

_____, Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Código Penal**. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940.

_____, **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, DF: Casa Civil, 1990. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm Acesso em 05 de julho de 2018.

_____, **Escola que te protege: Enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. Vicente de Paula Faleiros, Eva Silveira Faleiros. Brasília, DF: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007.

_____, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: ética e temas transversais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo II: A Experiência Vivida**. Lisboa: Quetzal, 2008.

BENDER, D. de S. **Cartilha Sobre o Assédio Sexual**. Brasília, DF. S/d

BONETTI, A. de L. Texto 3 – **Desigualdade de gênero**. In: JUNIOR, J. G. de S; APOSTOLOVA, B. S; FONSECA, L. G. D. de. **Introdução crítica ao direito das mulheres**. Brasília, DF: CEAD, FUB, 2011. p. 91-95.

BORDIEU, P. **A dominação masculina**. Educação e Realidade. Porto Alegre, RS. v. 20, p. 133 – 184, jul./dez. 1995.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2007.

CASTAÑEDA, M. **O machismo invisível**. São Paulo, SP: A Girafa Editora, 2006.

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Porto Alegre, RS: Sociologias, n.8, p. 432-443, 2002.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

DREZETT, J. **Estudo de fatores relacionados com a violência sexual contra crianças, adolescentes e mulheres adultas**. Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia, v. 22, n. 7. 2000.

FILHO, F. A. de O. e S. **O Temor do outro: estabelecidos e pósestabelecidos em Abaetetuba/Pará**. 2004. 129 f. Dissertação (mestrado em sociologia), Universidade Federal do Pará.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 44^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Conscientização: Teoria e prática da libertação-** Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Ed. Moraes, 1980.

_____. **Extensão ou Comunicação?** 10ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis.** Prefácio de Paulo Freire. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 1995.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Método da pesquisa.** Porto Alegre, RS: Ed. da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4 eds. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan, 1988.

GOLDBERG, M.A.A. **Educação sexual: uma proposta, um desafio.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1984.

JUNQUEIRA, R. D. **Homofobia nas Escolas: um problema de todos.** In: **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília, DF: Ministério da Educação: Secretaria de Educação Continuada, Albetização e Diversidade, UNESCO. 2009.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo, SP: Cortez, 1998.

LIBÂNEO, J. C. **Perspectivas de uma pedagogia emancipadora face às transformações do mundo contemporâneo.** Goiás, GO: Revista Pensar a Prática. p. 1- 22, jan./jun. 1998.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2014.

MAGALHÃES, L. **A culpabilização da mulher, vítima de estupro, pela conduta do seu agressor.** Teresina, PI: Jus Navigandi. n. 3934, abr./2014. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/27429> Acesso em: 05 de julho 2018.

MANFRAO, C. C. **ESTUPRO: PRÁTICA JURÍDICA E RELAÇÕES DE GÊNERO.** Brasília, DF: Centro Universitário de Brasília, 2009.

NYE, A. **Teoria feminista e as filosofias do homem.** Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro, DF: Rosa dos Tempos, 1995.

OLIVEIRA, C. L. **“Um Apanhado Teórico-Conceitual Sobre a Pesquisa Qualitativa: Tipos, Técnicas e Características”.** Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/travessias/article/viewFile/3122/2459> Acesso em 28 de junho de 2018.

PORTO FONTOURA, P. R. **Violência doméstica e familiar contra a mulher: Análise crítica e sistêmica**. 3. ed. São Paulo: Livraria do Advogado, 2014.

RODRIGUES, M. B. **Interculturalidade: Por uma genealogia da discriminação**. Itália, Set/Dez, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822007000300009 Acesso em: 07. Julho. 2018)

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero e patriarcado: Violência contra a mulher**. In: A mulher brasileira nos espaços públicos e privados. OLIVEIRA. Suely de (org.). Ed. Fundação Perseu Abramo/Friedrich Ebert stiftung, 2004,

SANTOS, Simone Cabral Marinho dos; COSTA, Ana Maria Morais. **A herança patriarcal de dominação masculina em questão**. Anais: XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires. 2009. Disponível em <http://www.academica.org/000-062/816> Acesso em 25 de junho de 2018).

SCOPEL, T. D.; GOMEZ, S. M. **O papel da escola na superação do preconceito na sociedade brasileira**. Espírito Santo: Educação e Tecnologia. n1, p. 02-14, Abr./Set. 2006.

SCOTT, P.; LEWIS, L; QUADROS, M. T. **Gênero, diversidades e desigualdades na educação: Interpretações e reflexões para a formação docente**. Recife, PE: Editora Universitária UFPE, 2009.

SOARES, B. M. Mulheres invisíveis. Violência conjugal e novas políticas de segurança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SOUZA, R. G. **"Isolamento Social"; Brasil Escola**. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/isolamento-social.htm> . Acesso em 17 de janeiro de 2018.

UNESCO. **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**. Schoolrelated gender-based violence is preventing the achievement of quality education for all, 2015. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002321/232107E.pdf> . Acesso em 3 de julho de 2018.

VILHENA, J. de; ZAMORA, M. H. **Além do ato: os transbordamentos do estupro**. Dossiê Temático. Rio de Janeiro, RJ: Revista Rio de Janeiro, n. 12, jan./abril, 2004.

APÊNDICES

Questionário

Sexo: () Feminino () Masculino

Idade: _____

1. Você sabe o que é assédio sexual?

() Sim () Não

Explique: _____

2. Você já sofreu assédio sexual dentro da escola, por parte de algum(a) outro(a) aluno(a)?

() Sim () Não () Não lembro

3. Se sua resposta foi sim, qual foi a situação?

() Comentários eróticos () Toque nas partes íntimas () Olhar malicioso

() Elogio de cunho sexual () Beijo ou abraço sem seu consentimento

() Sugestão para manter relação sexual () Insistência e xingamentos

4. O que você sentiu?

() Medo () Vergonha () Culpa () Achou que foi normal

5. Você procurou a ajuda de alguém para falar sobre isso?

() Sim () Não () Não achou necessário

6. Se sim, quem você procurou?

() Escola () Família () Amigos

7. Dentro da escola, você já fez com alguém ou presenciou alguma situação das que estão descritas na questão número dois (2)?

() Já fiz com alguém () Já presenciei () Nunca fiz/presenciei

Como foi?

8. Observe as atividades abaixo, e assinale a quem, na sua opinião as mesmas são atribuídas.

- Serviço doméstico:** () Homem () Mulher () Ambos
Dirigir caminhão: () Homem () Mulher () Ambos
Trocar a fralda do bebê: () Homem () Mulher () Ambos
Cozinhar em casa: () Homem () Mulher () Ambos
Ser astronauta: () Homem () Mulher () Ambos
Costurar: () Homem () Mulher () Ambos
Chorar: () Homem () Mulher () Ambos
Ganhar mais dinheiro: () Homem () Mulher () Ambos

9. Você acha que meninas e meninos são tratados da mesma forma e têm os mesmos direitos dentro da escola?

- () Sim () Não

Justifique:

10. Durante a noite, uma mulher sai da academia com destino a sua casa, ela está usando um short colado, uma camiseta e um tênis, no caminho, um homem a aborda, a chama de “gostosa” e tenta beijá-la, o mesmo pede insistentemente o número do seu celular, mesmo percebendo que moça não está gostando. O que você acha disto?

- () Normal, afinal ela era bonita e estava com uma roupa que marcava o corpo, ele não resistiu.
- () Não foi uma atitude correta, mas ela estava na rua sozinha a noite e com uma roupa colada, ela podia ter evitado.
- () Não foi uma atitude correta ele foi inconveniente e mau caráter, nada justifica.
- () Normal, foi apenas um elogio, e as mulheres gostam de sentir os homens interessados por elas.

11. A escola fala ou já falou alguma vez sobre violência contra a mulher, machismo e desigualdades de gênero?

- () Sim () Não () Não lembro

Como foi?

Obrigada! Sua participação foi muito importante para esta pesquisa.